



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGEM E CÓDIGOS/LÍNGUA PORTUGUESA

FRANCIMARIA CASTRO DA SILVA

AS MARCAS DE ORALIDADE NAS AUTOBIOGRAFIAS DOS ALUNOS DO 7º ANO A, DA
ESCOLA CÔNEGO NESTOR DE CARVALHO CUNHA NA CIDADE DE SÃO BERNARDO-MA

São Bernardo
2018

FRANCIMARIA CASTRO DA SILVA

AS MARCAS DE ORALIDADE NAS AUTOBIOGRAFIAS DOS ALUNOS DO 7º ANO A, DA ESCOLA CÔNEGO NESTOR DE CARVALHO CUNHA NA CIDADE DE SÃO BERNARDO-MA

Monografia apresentada a Universidade Federal do Maranhão - UFMA com requisito básico para obtenção de título de Licenciatura em Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa.

Orientadora: Profª Ma. Rachel Tavares de Morais

São Bernardo
2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva, Francimária Castro da.

As Marcas de Oralidade nas autobiografias dos alunos do 7º ano A, da Escola Cônego Nestor de Carvalho Cunha na cidade de São Bernardo-MA /Francimária Castro da Silva. - 2018.
68 f.

Coorientador(a): Eliane Pereira dos Santos.

Orientador(a): Rachel Tavares de Moraes.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo-MA, 2018.

1. Escrita. 2. Marcas de Oralidade. 3. Oralidade. 4. Variação Linguística. I. Pereira dos Santos, Eliane. II. Tavares de Moraes, Rachel. III. Título.

FRANCIMARIA CASTRO DA SILVA

Monografia apresentada a Universidade Federal do Maranhão - UFMA com requisito básico para obtenção de título de Licenciatura em Licenciatura em Linguagens e Códigos

Apresentação em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª Ma. Rachel Tavares de Moraes (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª Ma. Lana Kaíne Leal
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª Esp. Nayara da Silva Queiroz
Universidade Federal do Maranhão

*“Hoje o tempo voa amor, escorre pelas mãos,
Vamos nos permitir, pois não há tempo que
volte amor,
Vamos viver tudo que há pra viver”.*
(Lulu Santos)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à Deus, por iluminar meu caminho e por ter me proporcionado força, sabedoria e saúde durante toda minha caminhada acadêmica.

A minha família por todo o apoio e compreensão em todos os momentos da minha vida acadêmica, principalmente a minha mãe Dulce Maria de Castro e minha Irmã M^a do Socorro Castro da Silva, que lutaram junto comigo por essa vitória.

A Orientadora Professora Rachel Tavares, pela dedicação, competência e paciência, pois suas orientações foram essenciais na elaboração deste trabalho.

Aos meus colegas de turma LLC 2013, por todos os momentos de companheirismo e brigas durante todos esses 4 anos de jornada.

Em especial Maria de Jesus de Sousa, Thalita Couto e Katrine Carvalho pela amizade verdadeira. Amigas que irei levar para vida toda com muito carinho.

Um agradecimento especial a minha co-orientadora Eliane Pereira pela dedicação, mesmo estando afastada para o doutorado me cedeu alguns momentos de conhecimentos para a elaboração deste trabalho.

Não posso esquecer-me de agradecer meus queridos assistentes técnicos da UFMA, Bruno Mix, Moisés Silva e Rodrigo Oliveira. Obrigado pela amizade e consideração durante toda essa trajetória.

Agradeço ao curso de Licenciatura em Linguagens e códigos, por me proporcionar novos saberes e me presentear com novas amizades que levarei para toda vida.

Quero dedicar, parte dos meus agradecimentos a todos os meus professores que me proporcionaram chegar até aqui. Como a mestre Maria Francisca, Valnecy Corrêa, Marcelo Nicomedes, Nayara Queiroz, Janine Perini, Edmilson Rodrigues, Rayron Lennon, Paula Molinari, Paulo Rios, professor Will, Brussio, Cláudia Moraes, e por fim Bergson Utta. Professores maravilhosos e competentes que me ajudaram a chegar até aqui. Meu sincero obrigado a todos.

RESUMO

O ensino de Língua Portuguesa (LP) atualmente ainda está pautado ao ensino da gramática normativa, e assim o aluno não é colocado desde cedo a se expressar usando a escrita, o que acarreta na transferência da fala para a escrita causando um problema grande, pois, para sociedade é importante que o aluno tenha conhecimentos amplos, é saiba se expressar através da escrita. Desta forma, este trabalho pretende identificar quais as marcas de oralidades encontradas nos textos de Língua Portuguesa dos alunos ano do 7º ano da escola “Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha”, a partir das experiências vivenciadas no PIBID. Já que o aluno que não tem esse conhecimento, e não convive em um ambiente no qual lhe é levado a escrever de forma criativa e culta, terá menos oportunidades do que aqueles que desde cedo são colocados a pensar e a produzir textos. Para tanto, buscamos analisar os textos de Língua Portuguesa dos alunos focando nas marcas da oralidade na escrita, Compreender por que estas marcas ocorrem nos textos dos alunos do 7º ano A e entender as principais dificuldades que surgem na escrita dos textos dos alunos. Portanto, para fundamentar este trabalho recorre-se aos estudos desenvolvidos por Bagno (2007), Marcuschi (2001), Oliveira (2010), Marconi e Lakatos (2010), Elias e Koch (2012), Porto (2009) entre outros. Metodologicamente esta pesquisa desenvolve-se com uma abordagem qualitativa de campo e análise de dados. Os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa foram a entrevistas semi-estruturada e observações não-participante. Pois, percebemos que a oralidade não tem o mesmo espaço na escola como a escrita tem. E muitas vezes a leitura não é trabalhada de forma adequada, e sem leitura não é possível escrever bem. Portanto, com os resultados obtidos neste trabalho esperamos que possam desencadear novas discussões relevantes para novos estudos.

Palavras Chaves: Escrita. Oralidade. Marcas de Oralidade. Variação Linguística.

ABSTRACT

The teaching of Portuguese Language (LP) currently is still based on the teaching of normative grammar, and so the student is not placed early to express himself using writing, which causes the transference of speech to writing causing a great problem, since, for society it is important that the student has broad knowledge, is to know if expressing through writing. In this way, this work intends to identify which marks of orality found in the texts of Portuguese Language of the students year of the 7th year of the school "Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha", from the experiences lived in the PIBID. Since the student who does not have this knowledge, and does not live in an environment in which he is led to write creatively and cultured, he will have fewer opportunities than those who are early in thinking and producing texts. To do so, we seek to analyze the Portuguese language texts of the students focusing on the marks of orality in writing, Understanding why these marks occur in the texts of the students of the 7th year A and understand the main difficulties that arise in the writing of the texts of the students. Therefore, to base this work is used the studies developed by Bagno (2007), Marcuschi (2001), Oliveira (2010), Marconi and Lakatos (2010), Elias and Koch (2012), Porto (2009) among others. Methodologically this research is developed with a qualitative field approach and data analysis. The instruments of data collection used in this research were semi-structured interviews and non-participant observations. For, we realize that orality does not have the same space in school as writing does. And often the reading is not handled properly, and without reading it is not possible to write well. Therefore, with the results obtained in this work we hope that they can trigger new discussions relevant to new studies.

Keywords: Writing. Orality. Orality marks. Linguistic Variation.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Tabela 1	Dicotomias estritas.....	18
Tabela 2	Fatores extralinguísticos	27
Quadro 1	Dados sobre o perfil profissional da professora de Língua Portuguesa	33
Quadro 2	Dados sobre a entrevista realizada com a professora pesquisa.....	34

SUMÁRIO

	LISTA DE ILUSTRAÇÃO.....	09
1	INTRODUÇÃO.....	10
2	ORALIDADE E ESCRITA.....	12
2.1	A relevância do trabalho com os Gêneros Textuais nas aulas de Língua Portuguesa.....	14
2.2	Características da Língua fala e Língua escrita.....	17
3	MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA.....	2.1
3.1	Importância do texto escrito na atualidade.....	22
3.2	Variação linguística no contexto escolar.....	25
4	IDENTIFICANDO MARCAS DE ORALIDADE NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS DO 7 ANO.....	31
4.1	Traçando o percurso metodológico.....	31
4.1.1	Caracterizando o campo de pesquisa.....	32
4.1.2	Ação Pedagógica da professora de Língua Portuguesa em sala de aula.....	33
4.2	Análises dos textos dos alunos: compondo as marcas de oralidade.....	36
4.2.1	Marca 1: Palavras Repetidas.....	37
4.2.2	Marca 2: Referentes.....	39
4.2.3	Marca 3: Organizadores textuais (<i>e, ai, dai, etc</i>).....	40
4.2.4	Marca 4: Justaposição de enunciados.....	41
4.2.5	Marca 5: Segmentação gráfica.....	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46
	APÊNDICES.....	47
	ANEXOS.....	61

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa de campo intitulado “As Marcas de Oralidade nas Autobiografias dos alunos do 7º ano A, da Escola Cônego Nestor de Carvalho Cunha na Cidade de São Bernardo-MA.” Acredita-se que de certo modo a oralidade e a escrita possuem características dessemelhantes, por um lado temos a fala que se refere ao uso popular coloquial da língua; e por outro a escrita que utiliza o uso culto da linguagem. Em outras palavras, podemos proferir que na oralidade são aceitas todas as expressões ignoradas pela escrita, dependendo do local e modo na qual é utilizada.

Este estudo é resultado de uma pesquisa qualitativa de campo que foi desenvolvida a partir dos seguintes direcionamentos, primeiramente buscamos identificar se há marcas de oralidade nos textos autobiográficos dos alunos? Quais as principais marcas de oralidade presentes nos textos de Língua portuguesa? E porque estas marcas ocorrem nos textos dos alunos do 7º ano A.

Desse modo, percebemos que a oralidade não tem o mesmo espaço na escola como a escrita tem. E muitas vezes a leitura não é trabalhada de forma adequada, e sem leitura não é possível escrever bem, o que acaba fazendo muitas vezes o aluno levar para o texto escrito marca de oralidade que na maioria das vezes não é percebido nem pelo aluno e nem pelo professor, talvez por ser tão comum.

O ensino de Língua Portuguesa (LP) atualmente ainda está pautado ao ensino da gramática normativa, e assim o aluno não aprende desde cedo a se expressar usando a escrita, o que pode acarretar na transferência da fala para a escrita algumas marcas causando um problema grande, pois em uma sociedade é importante que o aluno tenha conhecimentos amplos, e saiba se expressar.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo identificar quais as principais marcas de oralidades encontradas nos textos de Língua Portuguesa dos alunos do 7º ano A, da Escola “Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha.” Para coleta do material de análises que são os textos do gênero autobiografia produzidos pelos alunos, foi aplicado um projeto do PIBID, cujo objetivo do mesmo é aprimorar a leitura e a escrita dos alunos da rede pública. Pois, como sabemos o aluno que não tem esse conhecimento, e não convive em um ambiente no qual não lhe é levado a escrever de forma criativa e culta, terá menos oportunidades do que aqueles que desde cedo são colocados a pensar e a produzir textos. Marcuschi (2001, p.17) argumenta que a “Oralidade e escrita são práticas e usos da língua

com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia.” Neste sentido, tanto uma como a outra permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

Diante do que está sendo discutido, tanto a escrita quanto a fala, permite a construção de textos coesos e coerentes, ambas assentes o raciocínio abstrato e exposições formais e informais que inclui tanto as variações estilísticas como social e dialetal. Além das duas modalidades serem importantes no processo da ação comunicativa, as duas têm muitas semelhanças que podem comprovar que não tem fundamento pensá-las como sendo dicotômicas. Então não há razão para compararmos essas modalidades como sistemas linguísticos opostos, já que as duas desempenham o mesmo papel comunicativo.

Este trabalho está dividido em cinco (5) capítulos. No primeiro capítulo, a introdução, na qual buscamos apresentar o trabalho de forma clara e objetiva. No segundo capítulo, foi realizada uma discussão teórica entre a oralidade e a escrita, na qual foi destacada a relevância do trabalho com os gêneros textuais nas aulas de língua portuguesa. Além disso, foram apresentadas, também, as principais características entre a língua falada e a língua escrita. Sobre os pensamentos de autores como: Marcuschi (2001, 2008), Koche e Marinello (2013), Elias e Koch (2012), Koch (2013), Porto (2009) e Elias (2014).

No terceiro capítulo fizemos uma discussão teórica, abordando as principais marcas de oralidade que podemos encontrar nos textos dos alunos na fase de aquisição da escrita. Foi também discutido a importância do texto escrito na atualidade. E expusemos uma relevância sobre a variação linguística no contexto escolar. Neste capítulo nos baseamos nos estudos de Bagno (2007), Elias e Koch (2012) e Antunes (2003).

No quarto capítulo identificamos as marcas de oralidade nas produções dos alunos do 7º ano. Além de relatarmos todo o percurso percorrido durante a realização da pesquisa, mostrando o tipo de pesquisa, o campo de desenvolvimento e o modo de coleta de dados, os sujeitos envolvidos na pesquisa, análises dos textos dos alunos: comparando as marcas de oralidade. Para fundamentar este capítulo apoiamos-nos nos seguintes aportes teóricos Andrade (2010), Oliveira (2010), Cagliari (1993, 2009) Marconi e Lakatos (2010).

No quinto capítulo contempla as considerações finais deste trabalho. Na qual foi exposto os resultados adquiridos nesta pesquisa.

2 ORALIDADE E ESCRITA

Neste capítulo iremos fazer uma discussão teórica entre duas modalidades da língua bem conhecidas em nosso meio social e cultural. A oralidade e a escrita. Elas vêm sendo bastante discutidas sobre o viés de estudiosos como Elias (2014), Marcuschi (2001) e Koch e Elias (2012).

A oralidade e a escrita são duas modalidades da língua com características próprias que permeiam em nossa sociedade. Essas modalidades são desenvolvidas e utilizadas pelas pessoas através dos textos orais e escritos que vem circulando em nosso meio. Marcuschi (2001, p.17) assegura que:

Oralidade e escrita são práticas e usos de línguas com características próprias, mais não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínio abstrato e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

Deste modo, a oralidade e a escrita, possui características diferentes, mas não suficientes para considerá-las opostas. Porque tanto uma quanto a outra permitem a construção de textos coesos e coerentes, raciocínio lógico entre outros. O que se pode dizer é que uma complementa a outra. Aliás, o que vai definir o potencial de cada uma dessas categorias e a forma de com elas serão usadas no meio social. Porque nenhuma das duas ficou restrita entre o som e a grafia. No que diz respeito a exposição formal e informal, variações estilísticas, sociais, dialetais, cada uma delas possui seu grau de limitações e alcances, dependendo do seu potencial básico de realização, por que, por mais que as mesmas não fiquem limitadas ao som e grafia, ambas possuem eficácia comunicativas e potencial cognitivos, valores esses que não são vetores para sua distinção.

A fala e a escrita são bens sociais adquiridas pelos seres humanos no meio social, no qual está inserido. A fala por sua vez sobre manifestação oral é adquirida naturalmente nos contextos informais como em sua casa, na rua, nas rodas de conversas com os amigos, além do contato direto com outras pessoas. Já a escrita enquanto manifestação formal letrada é adquirida de forma institucional, ou seja, na escola através dos professores. Daí então que vem seu caráter mais prestigiado e desejável. Quando citamos seu caráter mais prestigiado e desejável estamos falando de como a escrita se tornou tão precisa, tão importante nos dias atuais para os seres humanos, porque sem ela as pessoas não conseguem se inserir no mercado de trabalho acarretando em não conseguir um bom serviço e até mesmo é excluído em

sociedade, já que não possui este atributo. Sobre isso Koch e Elias (2012, p.14) afirmam que “a fala e a escrita são, portanto, duas modalidades da língua. Assim, embora se utilize o mesmo sistema linguístico, cada uma dela possui suas próprias características.” Como, por exemplo, a fala não é planejada, implícita, redundante, fragmentada, e até mesmo incompleta. Já a escrita é mais planejada, descontextualizada, condensada, explícita, predominância do modus sintático, não fragmentada e completa, essas são algumas de muitas de suas características. Mais nem todas essas características são exclusivas uma das outras, isso ocorre pelo fato de sempre ser estabelecidos padrões e formas ideais entre a fala e a escrita.

A escrita inicialmente surgiu para registrar fatos e legitimar documentos históricos, já que na época esta virtude não era compartilhada por todos, por ser utilizada apenas por pessoas de classes sociais maiores. Ao contrário da oralidade, a escrita surgiu tardiamente, esta modalidade foi criada pelos seres humanos há mais de 3.000 anos antes de Cristo. Nas palavras de Faraco & Tezza (2003) citado por Antunes (2003, p. 51) lembra que “o homem inventou a escrita, há de anos, quando só a conversa não conseguia dá conta de todas as suas necessidades”. Inicialmente as manifestações da escrita ocorriam através de gravuras nas paredes das cavernas, para marcar o tempo, e até mesmo para registrar suas manifestações culturais.

Mas vale salientar que foi com o surgimento da escrita que fez surgir algumas tecnologias, como o avanço da imprensa, do rádio, da TV e assim por diante. Marcuschi (2001, p.26) argumenta que:

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sobre variadas formas ou gêneros textuais fundando na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal no mais variados contextos de uso.

A oralidade conforme a citação acima é uma prática social, com fins comunicativos que variam de acordo com o gênero utilizado, o mesmo vai do informal ao formal conforme o contexto de uso. A fala é uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral com ou sem a necessidade de uma tecnologia, além do aparato disponível pelo ser humano. O mesmo é caracterizado pelo uso da língua na forma de sons sistemáticos articulados, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo uma série de recursos como a gestualidade, a mímica e os movimentos do corpo.

2.1 A relevância do trabalho com gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa

O ensino de Língua Portuguesa durante muito tempo vem sendo bastante discutido entre os estudiosos. Isso vem ocorrendo por causa da falta de domínio que alguns alunos possuem sobre a “a leitura e escrita”. Já que de certo modo ambas são peças fundamentais no ensino de Língua Portuguesa, pois, é através da leitura e da escrita que os mesmos irão desenvolver o seu senso crítico. Segundo BRASIL (1998 p.18) “As propostas do ensino de Língua Portuguesa consolidaram-se em práticas de ensino em que tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem”. Isso quer dizer que as práticas de ensino devem partir de textos orais e escritos, já conhecidos pelos alunos para assim, desenvolver novas habilidades linguísticas. É importante salientar que essas práticas devem sempre respeitar o grau de dificuldades e autonomia dos alunos. Em síntese, a língua é o instrumento essencial na vida dos seres humanos, pois é através dela que as pessoas se comunicam, expressão suas ideias, pensamentos e intenções.

Desse modo Porto (2009 p.14) ainda reforça que é “por meio da linguagem, o homem se reconhece como ser humano, pois, ao comunicar-se com outros homens e trocar experiências, certifica-se de seu conhecimento do mundo e dos outros com quem interage”. Neste sentido, a língua é o veículo pelo qual os seres humanos se comunicam, expressam-se e compartilham informações uns com os outros, seja ela no modo oral ou escrito. No modo oral a comunicação acontece através de conversas, debates, seminários, entre outros; Já na escrita, podemos citar os artigos de opiniões, crônicas, a notícia e outros mais. Desse modo Bagno (2001, p.59) ainda fala que “para ser um bom usuário dos recursos da língua, o aluno tem que ser posto em contato intenso com textos falados e escritos”. Ou seja, para a língua ser um bom recurso é fundamental que os professores proporcionem o encontro direto entre os alunos e os textos, sejam eles orais ou escritos. Para que os mesmos se familiarizem com os textos de ambas as formas e desde cedo se coloquem a refletir e desenvolver seu senso crítico dentro dos textos lidos.

Podemos proporcionar isso aos alunos através do ensino com os gêneros textuais que são diversos e variados. Conforme Marcuschi (2008, p. 153), os gêneros textuais “são fenômenos históricos, profundamente veiculados à vida cultural e social”. Ou seja, o gênero textual é a forma como a língua é empregada nos textos em suas diversas situações de comunicação em uso. Além disso, o mesmo contribui para ordenar e estabilizar as diversas atividades comunicativas do nosso dia-a-dia. Por serem entendidas sócio-discursivamente e na forma de ação social, no alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer

contexto discursivo, já que os gêneros são textos extremamente maleável e práticos de se utilizar nas atividades socioculturais.

Ainda ressalva-se que trabalhar com gêneros textuais em sala de aula favorece a aprendizagem dos quatro eixos de ensino, oralidade, leitura, gramática e escrita de textos diversos, com funções específicas. Porque, além de considerar os aspectos formais do texto escrito, irá também proporcionar o uso efetivo por partes dos indivíduos que a utilizam.

Sobre o assunto cita-se Antunes (2003) que aborda as quatro áreas de ensino, leitura, escrita, gramática e oralidade. Segundo esta autora é através da leitura “que se aprende o vocabulário específico de certos gêneros de textos ou de certas áreas de conhecimento”. (ANTUNES, 2003, p.75). Por meio da mesma que aprendemos, ainda, os padrões gramaticais morfológicos e sintáticos peculiares da escrita, além das formas de organização sequencial de apresentação dos gêneros textuais escritos. Pois como se sabe os textos escritos são fundamentais para ampliar nossa competência discursiva para o uso eficaz da língua escrita.

Antunes (2003, p.113) ainda avigora que “para o desenvolvimento da competência de escrever, o professor poderia providenciar oportunidades para os alunos produzirem”. Isso pode ocorrer através de atividades criativas como, por exemplo, solicitar que os alunos façam lista de matérias, de livros didáticos, de assuntos estudados ou até promover atividades extracurriculares. Assim, o professor estará englobando diversos gêneros textuais sejam orais ou escritos. É importante frisar que a Gramática, existe em função da compreensão e da produção oral e escrita de um determinado gênero. Sendo assim, (ANTUNES, 2003, p. 92), salienta que:

[...] saber falar e escrever uma língua supõe, também, saber a gramática dessa língua. Em desdobramento, supõe saber produzir e interpretar diferentes gêneros de textos. Consequentemente, é apenas no domínio do texto que as regularidades da gramática encontram inteira relevância e aplicabilidade.

A autora fomenta acima, que toda ação verbal se dá através de um texto, dependendo da sua função de extensão. Então é de extrema importância que o indivíduo saiba também a gramática da língua, pois além de saber produzir e interpretar diferentes gêneros textuais estará também aperfeiçoando a sua aplicabilidade. Por isso, importa saber distinguir entre regras gramaticais e nomenclaturas gramaticais. As regras gramaticais implicam no uso da língua, orienta a forma de falar e para quem irá falar. Já as nomenclaturas correspondem aos nomes, categorias e classificações que o fenômeno da língua possui.

Köche e Marinello (2013, p.258) ainda salientam “que os gêneros textuais são imprescindíveis para o convívio social”. Pelo fato dos mesmos resultarem das práticas de linguagem dos diferentes grupos sociais, em distintos momentos históricos, norteadas por uma intenção comunicativa. Isso ocorre porque os gêneros textuais são infinitos e maleáveis pra a comunicação humana. Podemos observar que de certa forma cada ação humana seleciona e utiliza um gênero para realizar alguma atividade conforme sua necessidade de uso.

Em relação à escrita, podemos afirma que se trata de uma prática social, a qual concretiza o discurso registrando as ideias, conceitos e concepções de mundo e de vida que são representados pelos sujeitos em seu cotidiano. Desta forma, os PCN ressaltam que:

[...] a fala influência a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade” nos textos escritos). ‘São práticas que permitem ao aluno construir seus conhecimentos sobre diferentes gêneros sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita. (BRASIL, 1998, p.52).

Portanto, é possível observar que a escrita é aquela que legitima o discurso e que pode acontecer por meio dos gêneros textuais, além disso, registra a fala, apresentando assim, conceitos e visão de mundo de cada indivíduo. Pois é através dos gêneros textuais que os indivíduos empregam suas diversas maneiras de se comunicar no meio em que estar inserido. Deste modo, tanto uma quanto a outro podem ser efetivadas por meio dos gêneros textuais. Já que os mesmos podem se manifestar tanto nos gêneros orais quanto nos gêneros escritos, que são fornecidos para os alunos dentro e fora da sala de aula. Com esses aparatos irá proporcionar aos alunos novos conhecimentos sobre os variados gêneros, permitindo aos mesmos construir seus próprios conceitos.

Dentro desta perspectiva, Brasil (1998, p.21) assegura que “todo texto se organiza dentro de um determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam.” Portanto, os gêneros textuais são determinados e constituídos historicamente através de formas relativas estáveis do enunciado, disponível na Cultura.

De acordo com Bakhtin (2011, p.261) “Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana”. Um exemplo disso são os gêneros textuais discursivos que são ligados espontaneamente com as circunstâncias interacionais dos seres humanos em sociedade.

Bakhtin (1985) ainda instiga sobre a relação e estabilização dos gêneros e a sua ligação com a atividade humana.

Os gêneros estão vinculados à situação social de interação e, por isso, como os enunciados individuais, são constituídos de duas partes inextrincáveis, a sua dimensão linguístico-textual e sua dimensão social: cada gênero está vinculado a uma situação social de interação típica, dentro de uma esfera social; tem sua finalidade discursiva, sua própria concepção de autor e destinatário. (BAKHTIN, 1985b)

Desse modo, fica fulgente a necessidade de conhecermos no gênero suas dimensões: linguística e social ou linguístico-discursiva. A primeira dimensão refere-se às escolhas linguísticas (gramaticais) realizadas para consolidar o enunciado, já a dimensão discursiva é marcada pelas pessoas. Ou seja, os falantes, pelo grau de intimidade entre os interlocutores, pela percepção que se tem do ouvinte, pelas características temáticas do gênero.

Antunes (2003, p.31) salienta que o ensino da gramática ocorre de forma “descontextualizada, amorfa, da língua como potencialidade; gramática que é muito sobre a língua, desvinculada, do uso real da língua escrita ou falada na comunicação do dia-a-dia.” Ao invés disso, por que não trabalhar a gramática através de textos comunicativos ligados ao uso da língua em fatos reais. Um exemplo disso é o trabalho com o gênero autobiográfico o *corpus* desta pesquisa, que se trata de um texto que o autor narra na primeira pessoa do singular ou do plural (Eu/Nós) acontecimentos que retrata a sua própria vida, em geral, com o objetivo de caracterizar sua personalidade.

Neste ponto, buscamos falar sobre o gênero textual específico no qual, fizemos a análise de dados. O gênero textual autobiografia significa “o registro escrito da própria vida”, ou seja, uma biografia escrita pelos próprios autores (alunos). Além de ser um fenômeno atemporal e mundial, que pode ser inteiramente literal ou possuir elementos ficcionais. O precursor deste modelo de escrita durante a Idade Média foi Santo Agostinho.

O gênero textual autobiografia trata-se de um gênero bem conhecido e relevante para escrita, pois é através do mesmo, que os alunos podem relatar sua história de vida e também de outras pessoas mais próximas, por ser uma prática de linguagem bem comum entre as pessoas. A história de vida são valores e experiências que nos proporcionam um conhecimento de mundo veiculado a este gênero, que nos permite conhecer melhor nossos alunos. Já que nosso ponto de partida sobre o instrumento de ensino é a vivência com determinados alunos, no nosso caso os alunos do 7º ano A.

Até aqui, buscamos fomentar a importância de se trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula, vale frisar que é por meio do ensino de língua portuguesa que iremos proporcionar ao aluno uma aprendizagem significativa com relação ao uso e funções dos gêneros. No próximo item, iremos fazer uma discussão teórica sobre as características da Língua falada e da Língua escrita.

2.2 Características da Língua falada e da Língua Escrita

A língua é dividida em duas modalidades a modalidade oral e escrita, cada uma com suas distinções e valores. Conforme os pensamentos de Porto (2009, p.12) “a linguagem é a expressão do pensamento”, neste sentido um veículo de comunicação que utilizamos para transmitir informação de uma pessoa à outra. Já em sua modalidade escrita envolvem técnicas e planejamento para aperfeiçoar a escrita de textos, além de ampliar seus conhecimentos de mundo.

A língua falada e a língua escrita como já foi dito, cada uma delas possuem características próprias e definidas, e as distinções entre ambas ficam bem claras de acordo com Marcuschi (2001, p. 26) em “aspectos formais, estruturais e semióticos”, Ou seja, nos aspectos formais estão relacionados os modos e locais, nos quais representamos ou usamos a língua em representação de códigos. Nos modos estruturais e semióticos estão ligadas a estrutura e formas de como a linguagem é efetivada. A dicotomia estrita são tendências de estudos de grande relevância e tradições entre linguistas, que se dedicam em fazer análise das relações entre as duas modalidades de uso da língua (fala/escrita). A dicotomia estrita trata-se de uma análise que se volta para os códigos e permanece na eminência do fato linguístico. Que na maioria das vezes são vistos por alguns gramáticos como padrões e são representadas na denominada norma culta. Marcuschi (2001, p.27) alega, ainda, que “são estas dicotomias que dividem a língua falada e a escrita em dois blocos distintos, atribuindo características próprias de cada uma”.

Estas características podem ser vista na tabela abaixo, na qual iremos mostrar como cada uma delas é estruturada. De acordo com Koch e Elias (2012, p.14) “a fala e a escrita são duas modalidades em um *continuum*”, ou seja, todo texto é um evento ou ato comunicativo, que vem ganhando existência dentro de um processo interacional. Já que todos

eles são resultados de uma interação entre um ou mais locutores, e que daí nos dão brechas pra identificar suas distinções entre estas duas modalidades.

Nas duas colunas abaixo podemos perceber estas ocorrências bem explícita. Vale ressaltar, que as informações expostas na tabela abaixo não representam o uso real da língua, sendo apenas uma crítica à uma visão tradicional do ensino de língua, feita sobre a reflexão de Marcuschi (2001).

Tabela 1 - Dicotomias estritas

Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizada
Dependente	Autônoma
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Imprecisa	Precisa
Não-normatizada	Normatizada
Fragmentada	Completa

Fonte: Marcuschi, 2001, p. 27

É importante salientar que todas essas características não são exclusivamente nem de uma e nem da outra. O que ocorre é que todos esses aparatos foram estabelecidos por parâmetros como se fosse ideal da escrita, criando preconceito diante da língua falada, destacando todas estas características de não ser planejada ou organizada. A fala tem características próprias, pelo fato de não ser planejada, a discussão ocorre naturalmente, a mesma precisa localmente ser planejada a cada novo jogo de linguagem. O texto falado ao contrário do texto escrita não tem muito tempo de ser planejado. Ou seja, seu processo de construção ocorre simultaneamente, por que ao mesmo tempo em que é planejado é verbalizado, emergindo assim no próprio momento da interação.

De acordo com o autor, estas dicotomias são frutos de uma observação fundada naturalmente nas condições empíricas de uso da língua, envolvendo planejamento e verbalização, e não de características dos textos produzidos. As dicotomias estritas oferecem modelos muito difundidas nos manuais escolares, que podem ser caracterizados como uma visão imanentista. Esta visão predominou na linguística moderna durante a hegemonia do modelo estruturalista. A mesmo afirma que a língua é regida pela lógica de sua estrutura, ou seja, a língua é concebida de forma autônoma em uma direção prefigurada, e são nos contextos históricos e sociais que se determinam seu uso. Deste modo, foi essa visão que deu origem à maioria das gramáticas pedagógicas utilizadas. Entretanto, esta dicotomia considera

a fala como o lugar de erro e caos gramaticais, tornando a escrita um lugar de norma e de bom uso da língua. Fato que não se confirma, porque, tanto uma quanto a outra, podem ter seu momento formal e informal, vai depender do contexto e da situação de uso de cada uma.

Foi com o surgimento das dicotomias estanques que ocorreu a separação entre a língua falada e a língua escrita, tomando assim a língua ao ensino de regras gramaticais. Com o surgimento da escrita, a língua falada foi taxada e considerada como o local dos erros, no qual se pode tudo que a escrita despreza. O que não é bem assim, por que se formos parar pra analisar, assim como o texto escrito, o texto falado também possui suas especificidades. Sobre este fato, Koch e Elias (2012, p.14) argumentam que “o texto falado, por sua vez, emergem no próprio momento da interação. Ou seja, ela é seu próprio rascunho.” Pelo fato dos interlocutores estarem copresentes, ocorre uma interlocução ativa que implica no processo de coautoria, refletindo na materialidade linguística por marcas na produção verbal. Assim, tanto uma quanto a outra (texto escrito ou falado) sempre tem como diretriz um destinatário, ou seja, fala pra alguém, mesmo que seja pra um destinatário presumido. O local mais pertinente de vê as diferenças entre ambas as partes está na formulação textual.

A escrita ainda supõe condições de produção e recepção diferente dá que é atribuída na fala. Isso ocorre, porque todo o evento de fala corresponde a uma interação verbal que acontece durante o tempo em que dois ou mais interlocutores, alteram seus papéis de falante e ouvinte, em situação de copresença. Ou seja, o discurso vai sendo criado e negociado coletivamente, ao mesmo tempo em que vai sendo planejado, sua sequência e determinada na própria continuidade do diálogo. Antunes (2003, p. 51) corrobora que, “essas diferentes condições de produção da escrita dão a quem escreve a possibilidade de conceder uma parcela de tempo maior à elaboração verbal de seu texto, bem com a possibilidade de rever e recompor o seu discurso”.

Então, com estas possibilidades dão a produção escrita mais tempo e condições a quem escreve de reelaborar ou corrigir seu texto, algo que não ocorre no texto falado, já que as correções ocorrem no momento da fala. Em outras palavras, é possível dizer que os textos escritos se diferem dos textos falados, porque tanto no contexto de produção como no contexto de recepção, não coincide o tempo de tempo ou espaço, já que tanto o escritor como o leitor não se encontram copresentes.

Sendo assim, o produtor que escreve tem mais tempo para planejar a execução do seu texto com mais cuidado e sempre que preciso faz algumas alterações (revisões). Já o texto falado emerge no próprio momento de interação, porque ele mesmo e seu próprio rascunho. Pelo fato dos interlocutores estarem presentes, ocorre uma interlocução ativa que implica no

processo de coautoria, refletindo na materialidade linguística por marcas na produção verbal. Estas marcas nas produções verbais são categorizadas como as famosas marcas de oralidade, que alguns atuantes da escrita desenvolvem em seus textos. Ou seja, são algumas marcas retirada da fala e transcrita na produção escrita.

E notório ressaltar, que tanto a fala quanto escrita são duas modalidades da língua, e tanto uma quanto a outra tem características próprias, que possibilitam a comunicação dos individuo no meio social. Por esse motivo que na maioria das vezes os alunos que não tem o hábito de escrever transferem para suas produções escritas algumas marcas da fala. A seguir iremos discorrer mais sobre estes aspectos.

3 MARCAS DE ORALIDADE NA ESCRITA

Neste capítulo será feita uma discussão teórica, abordando as principais marcas de oralidades que encontramos nos textos dos alunos na fase de aquisição da escrita. Sobre este assunto nos deleitaremos sobre os pensamentos de Elias, Koch (2012) e Antunes (2003).

O processo de ensino e aprendizagem da escrita acontece posteriormente à aquisição da língua falada. Por esse motivo o aluno quando tem o primeiro contato com a escrita, ele já possui uma bagagem anterior, que é o domínio da língua oral, quando o mesmo começa a escrever vai aos poucos aprimorando o processo da fala. Portanto, na maioria das vezes é natural que transponha para escrita algumas marcas de oralidade. Como o uso da questão da referência, de repetições, uso de organizadores textuais, justaposição de enunciados e segmentação gráfica.

Portanto, “a criança, quando chega à escola, já domina a língua falada. Ao entrar em contato com a escrita precisa adequar-se às exigências desta, que não é uma tarefa fácil.” Assim colocam Koch e Elias (2012, p.18). É por esta razão que os textos dos alunos aparecem “evados” de marcas de oralidades, que devem aos poucos serem excluídos dos textos dos alunos com a conscientização dos professores.

Nesta fase de início de aquisição da escrita é bem complicado, pelo fato das crianças transcreverem muitas marcas em seu texto que estão habituados a utilizar na língua falada. Cabe ao professor policiar, conduzir os alunos na hora de produzir seus textos escritos. Traçando métodos e estratégias adequadas para a aprendizagem do aluno. Somente com o tempo e intervenções contínuas que os professores vão construir seu modelo de texto escrito. De acordo com os estudos Cagliari (1993, p.31):

Uma criança que escreve *disi* não está cometendo um erro de distração, mas transportando para o domínio da escrita algo que reflete sua percepção da fala. Isto é, a criança escreveu a palavra não segundo sua forma ortográfica, mas segundo o modo como ela pronuncia. Em outras palavras, fez uma transcrição fonética. Por outro lado, uma criança que leia a palavra *disse* dizendo duas sílabas de duração igual está transportando para a fala algo que a escrita ortográfica insinua (ou que faz lembrar a fala artificial da professora...). Se o aluno passar pela escola fazendo esse jogo de pular da fala para a escrita sem saber o que pertence a fala e o que pertence a escrita e por que as coisas são como são, ele terá dificuldade imensas em seguir seus estudos de português, por que o absurdo está presente a todo momento.

Deste modo a criança quando escreve ‘disi’ ao invés de ‘desse’ ela não está cometendo um erro, mas sim trazendo marcas da fala para escrita, porque a criança buscou escrever as palavras de acordo com a sua pronúncia e não pela forma ortográfica. Fazendo assim apenas uma transcrição fonética. É neste momento que o professor deve propiciar aos alunos métodos e estratégias eficazes que possam conduzi-los a uma melhor aprendizagem. Pois os alunos não podem passar pela escola e não ser alertados sobre essas duas modalidades da língua, sendo a escola o local ideal em que os mesmos irão aprender utilizá-la de forma adequada e eficiente em sociedade. Vale ainda lembrar que as duas modalidades são importantes, mas tem uma das modalidades que se tornou indispensável para o mercado de trabalho.

3.1 A importância do texto escrito na atualidade

Segundo Marcuschi (2001, p.16) a escrita se tornou um bem social muito importante, e as pessoas que não tem ou possui esse bem, passam a não ter o mesmo valor em sociedade que a escrita proporciona.

Numa sociedade como a nossa, a escrita (...) se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural (...) não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com o que penetrou nas cidades modernas e impregnou as culturas de um modo geral. Por isso, que ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um status mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder.

Na sociedade a escrita é um bem social muito importante, e desde cedo faz com que o individuo entenda que ela é um bem indispensável, já que para as pessoas que dominam esta virtude tem mais chance de ingressar no mercado de trabalho e conseguir cargos gloriosos. Até mesmo porque a sociedade impõe que as pessoas dominem a escrita, é que seja um falante que saiba se expressar e escrever de forma culta. Deste modo o falante que não possui esta característica são esquecidos ou excluídos perante a sociedade.

Devido à influência que a escrita possui sobre a sociedade Marcuschi (2001, p17) ressalta que o “homem é considerado como um ser que fala e não como ser que escreve.” Isso vem ganhando mais força e espaço no meio social, através da escola, cobrando e fazendo com que os alunos aprendam a escrever de forma culta e eficaz, para que eles possam se colocar e se expressar em sociedade como um ser crítico, que saiba falar e escrever o que esta falando.

Na realidade atual é muito comum encontrar nos textos dos alunos marcas de oralidade, pelo fato dos mesmos transcreverem em seus textos conhecimento linguísticos próprios do dia-a-dia. Este problema na maioria das vezes ocorre pela falta de produção textual que não é trabalhada e nem valorizada no ensino de Língua Português dentro das salas de aula.

Acredita-se que, se o aluno, desde cedo, fosse levado a ler diversos textos de diferentes gêneros, escrever, produzir textos, eles não teriam tanta dificuldades de escrever e se expressar diante da sociedade. De acordo com Antunes (2003, p.25) o ensino da escrita, “esta voltado pra prática de uma escrita mecânica e periférica centradas inicialmente, nas habilidades motoras de produzir sinais gráficos e mais adiante na memorização simples de regras ortográficas” isso ocorre porque a realidade do ensino de Língua portuguesa no ainda está pautada no ensino de nomenclaturas. É por isso que algumas pessoas pensam que não saber escrever ainda equivale a escrever com erros de ortografias.

É por este motivo que os alunos não aprendem desde cedo a utilizar a virtude da escrita, causando assim a transferências de marcas da fala para a escrita. Além de causar grandes danos, pois em uma sociedade na qual a escrita é considerada um bem indispensável, os alunos tem que ter conhecimentos amplos e que saiba se expressar no meio social.

É importante salientar que as condições de trabalho dos professores de escola pública são muito precárias, eles têm que conviver diariamente com uma realidade muito dura, e que muitas vezes compromete o ensino- aprendizagem dos alunos. Na maioria das vezes é complicado para o professor cobrar do aluno um padrão de escrita “excelente”, sendo que em muitos casos não sabem nem ler direito, mesmo já cursando o 7º ano. Ainda podemos perceber que quando os alunos são levados a escrever textos, os mesmo escrevem como se estivesse face a face com alguém, e é por isso que encontramos muitas marcas de oralidades nos textos dos alunos.

O processo de aquisição da escrita e eliminação das marcas de oralidade é um processo delicado, que deve ser trabalhado com os alunos diariamente, pelos professores em sala de aula, com uma estratégia adequada. O professor deve montar estratégia que ajude o aluno a perceber que escrever é diferente de fala, e que a escrita segue alguns padrões indispensáveis. A intervenção do educador quando for mostrar para os alunos o que é acerto e o que não é aceito, na construção do texto deve ser de forma enriquecedora e discreta para não constranger os alunos com a intervenção. Daí o aluno vai notar que não é o fato de escrever errado mais de se adequar a certos padrões que a escrita possui.

Elias e Koch (2012) salientam que são muitas as marcas de oralidade que encontramos na escrita dos textos dos alunos, como o uso da referência a algo que não estar

explícito no texto, as repetições de palavras, usos de organizadores textuais típicos da fala, justaposições de enunciados, discurso direto e a questão da segmentação gráfica.

Como já foi falado é bem comum nos textos dos alunos encontrarmos marcas com o uso exagerado de referência. Isso acontece porque em um texto falado é comum apenas o interlocutor apontar para aquilo que está sendo falado, nos textos das crianças, por exemplo, “ponha isso lá fora” é banal encontrarmos referências de algo que não está dentro do texto. Daí o leitor fica se perguntando “isso o quê?”. Koch e Elias (2012) afirmam que na oralidade “podemos simplesmente apontarmos para aquilo a que estamos nos referimos se o referente se encontramos perto de nós.” (p.20) como, por exemplo, está em uma sala e falar da mesa apenas apontando pra ela.

Sobre este caso Gumperz (2002) apud Koch e Elias (2012, p. 20) asseguram “que há pistas linguísticas e extras linguísticas e que estas se encontram no cenário e no conhecimento que os participantes têm sobre o que aconteceu antes da interação.” É por isso que usam de formas referenciais cujos mesmos são desprendidos da situação comunicativa ou do conhecimento compartilhado com os interlocutores.

Outra marca muito encontrada nos textos dos alunos na fase inicial de aquisição da escrita é o uso das repetições, fato que “ocorre com muita frequência por ser considerado um mecanismo organizador dessa modalidade textual, em ambas as modalidades, elas são constituídas como um recurso retórico, desempenhando funções didáticas, argumentativas, enfáticas.” (Koch e Elias (2012, p.22)

Uma marca frequentemente encontrada nos textos de alunos é o uso dos organizadores textuais, típicos da oralidade. Como *e, aí, daí, então*, etc. Isso ocorre pelo fato da criança ainda estar aprimorando sua escrita. A justaposição de enunciado e outra marca muito comum nos textos dos alunos, os mesmos começam a escrever sem nenhuma conexão explícita de um enunciado com outro. Ou seja, sem os elementos de ligação ou transição das ideias, na maioria das vezes sem qualquer sinal de pontuação.

A marca no discurso direto acontece quando a criança se coloca dentro do texto, ou seja, é como se estivesse face a face com o seu interlocutor. Já a segmentação gráfica nos textos das crianças ocorre pelo fato de ser construída com base nos vocábulos fonológicos ou aquilo que a criança aprende como todo. Em outras palavras, a criança formula hipótese sobre a segmentação correta, mas quando vai realizar a segmentação adequada acaba caindo no oposto e repicando demais as palavras ou emendando vocábulos. Estas marcas são comuns serem encontradas nos textos dos alunos que estão iniciando o processo de aquisição da

escrita, no entanto, também podem ser encontradas nos textos dos alunos do Ensino Fundamental maior, que sedia o campo desta pesquisa.

3.2 Variação Linguística no contexto escolar

A variação linguística é um assunto que vem sendo muito discutido nas pesquisas atualmente, por autores de peso como: Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Bagno (2002) entre outros. Diante disso, faremos um breve respaldo sobre o que é variação linguística e como a mesma pode ser inserida no ambiente escolar pelos professores.

A língua é um bem social por natureza sempre sujeita a alterações por parte dos seres humanos. Por que como sabemos a língua esta sucessivamente em constante desenvolvimento, sendo assim, sempre ocorrerão as variações linguísticas, já que a mesma é essencial à linguagem humana.

O termo sociolinguística surgiu em meados de 1950, vindo a se desenvolver como uma corrente de estudos apenas na década de 60, nos Estados Unidos. Quando falamos em variação linguística fala-se em formas diferentes de falar, em uma mesma língua, já que há diferentes formas de expressão relacionadas a fatores distintos, que fazem da língua um sistema diversificado. Desta forma, podemos destacar que a variação linguística ocorre em todos os níveis da língua.

Bagno (2007, p.73) afirma que “nada na língua é por acaso”, pelo fato da língua ser um veículo vivo pelo quais os seres humanos se comunicam em sociedade. Já na perspectiva de Calvet (2002, p. 89) “a língua muda todos os dias, evolui”, isso acontece por que a língua é viva e esta sempre em constante movimento. E assim como os homens evoluem mudam seus valores, modo de pensar é natural que na língua também haja a ocorrência de variação e mudança. Como podemos observar a língua é uma atividade social construída por todos os seus falantes. Isso acontece pelo fato dela ser heterogênea múltipla e variável, sempre está em constante processo de construção e reconstrução.

Vale destacar os tipos de variações que encontramos na Língua. Sobre isso Bagno (2007, p.40) classifica os tipos de variações linguísticas que podem ser encontradas na língua da seguinte forma: “A variação fonética- morfológica, a variação sintática, a variação semântica, a variação lexical e a variação estilístico- pragmática”.

A variação fonética-morfológica, está envolvida com a questão da pronúncia das palavras, como por exemplo, a letra “R”, que de acordo com a região pode ser pronunciada de

diversas formas. Já a variação morfológica está ligada às construções diferentes, mas com o mesmo sentido das palavras.

No que diz respeito a variação sintática, nas frases os elementos estão organizados de maneira diferentes, mas o sentido é o mesmo. Quanto à variação semântica, em uma mesma palavra pode ter significados diferentes, dependendo da origem regional do falante. Na variação lexical, temos palavras diferentes referindo-se ao mesmo objeto. E, por fim a variação estilística- pragmática, que são enunciados que correspondem a situações diferentes de interação social, marcadas pelo grau de maior ou menor de formalidade do ambiente e de intimidade entre os interlocutores.

A fala e a escrita são ferramenta que podem variar de acordo com o contexto de uso. Portanto, tanto uma quanto a outra podem ser mais ou menos formais. Cada uma delas tem suas especificidades que vão se adequar as situações de uso. De acordo com Bakhtin (1988) citado por Marli Quadros Leite (2007, p.4), afirma que “a situação dá forma à enunciação e o falante.” Deste modo, podemos dizer que todo falante competente sabe como se comportar dependendo da situação ou contexto em que se encontra. Já que a língua é um fator homogêneo, que pode variar em qualquer língua ou época, assim sejam usados, isso significa dizer que essas variações ocorrem naturalmente, efetuadas pelos conjuntos de falantes que a utilizam diante da sociedade.

Para fazer um trabalho de investigação eficaz os pesquisadores selecionam um conjunto de fatores sociais para auxiliar nos fenômenos da variação linguística. Sobre isso Bagno (2007, p. 43) afirma que os fatores que mais chamam a atenção dos pesquisadores no processo de investigação são as seguintes: “Origem Geográfica, Status Socioeconômico, Grau de Escolarização, Sexo, Idade, Mercado de Trabalho e Redes Sociais.” Na tabela abaixo explicaremos melhor cada tipo de fatores extras linguísticos.

Tabela 2 - Fatores extras linguísticos

Origem Geográfica	A fala e características das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados.
Status Socioeconômico	As pessoas que tem o nível de renda muito baixo não falam da mesma forma da que tem o nível de renda alta.
Grau de Escolarização	O acesso maior ou menor à educação formal, com ele, cultura letrada, um fator muito importante nas configurações dos usos linguísticos;
Sexo	Homens e mulheres fazem usos diferentes dos recursos que a língua lhe oferece;
Idade	Os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais falam, assim vice-versa.

Mercado de Trabalho	E com o vínculo entre determinadas pessoas, profissões e ofícios, que o indivíduo incide nas atividades linguísticas;
Redes Sociais	Cada pessoa adota o comportamento semelhantes aos das outras com que convive em suas redes sociais, entre estes está também o comportamento linguísticos.

Fonte: Bagno (2007, p.43).

Na tabela acima foram destacados cada um dos fatores extras linguísticos que mais interessa os pesquisadores. Com esses conjuntos de fatores nos possibilita a estudar a língua falada dentro de grupos específicos, como exemplo disso é estudar como falam os jovens de sexo masculino, que residem na periferia de São Paulo. Outro caso importante de se investigar, como o nível de escolarização de jovens e adultos nas periferias da cidade grande, e assim por diante.

Ainda se pode destacar que em toda comunidade de fala, sempre há ou ocorrerá variação linguísticas. Isso quer dizer que qualquer comunidade seja ela, pequena ou grande, sempre apresentará a variação linguística. Devido a isso, assim como Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004) em seu livro discorre sobre alguns fatores linguísticos que mais interessa os pesquisadores tais como, grupo etário que está relacionado a diferenças sociolinguísticas interacionais: pois os pais, filhos e netos não falam da mesma forma que os idosos falam. Isso acontece por causa do grupo etário que não é o mesmo.

Segundo as autoras o gênero, homens e mulheres falam de maneiras distintas, a mulher costuma usar muito diminutivo em sua fala, já a linguagem dos homens é marcada por palavrões ou gírias. Bortoni-Ricardo (2004, p.47) afirma que “o repertório feminino e masculino são relacionados aos papéis sociais que são culturalmente condicionadas.” Há também outra diferença entre estes repertórios que podem ser verificados no comportamento comunicativo não verbal, como também na direção do olhar ou até mesmo nos gestos.

Já no status socioeconômico está representado pela desigualdade na distribuição de bens materiais e culturais que acabam refletindo sobre as diferenças sociolinguísticas, da mesma forma é o grau de escolarização, ambas estão ligados. Sobre o mercado de trabalho Bortoni-Ricardo (2004) ainda relata que as atividades profissionais que os indivíduos desempenham estão relacionado ao fator condicionador de seu repertório, neste caso, os mesmos tem que possuir bastante flexibilidade estilística e ser capaz de variar sua fala numa gama de estilos, e dominar com segurança os estilos monitorados. Bortoni-Ricardo (2004, p.49) assegura que todos os fatores citados acima constituem e “representam o atributo da

fala, além de fazer parte da própria individualidade do falante.” Já que a variação linguística depende tanto dos fatores linguísticos sócio-estruturais quanto dos fatores sócio-funcionais.

A variação linguística é natural na fala, mas na escrita a mesma é bastante inflexível que perdura pelo certo tempo para altera-se. Como compreendemos existe uma norma culta próxima da norma padrão muitas vezes privilegiada pela sociedade, e que poucos brasileiros utilizam. É importante ressaltar também que a variação linguística em sala de aula é um tema que ainda não recebeu o espaço necessário pra ser estudado. Nos livros didáticos, por exemplo a variação linguística está relacionada aos estudos de variedades regionais, rurais ou a pessoas não escolarizadas.

Isso ocorre pelo fato da variação linguística ser um assunto complexo, mais nem por isso deve ser deixado de lado, esquecido dentro da sala de aula. Sendo assim, faz-se necessário que haja discussões constantes sobre o assunto, para conscientizar os professores e responsáveis. Já que na nossa realidade, o impacto social maior da variação linguística esta voltada para o grau de escolarização e que por ironia do destina esta entrelaçada ao status socioeconômico.

Na escola a leitura e a escrita são bens sociais, recentes adquiridos pela humanidade. Sobre isso Bortoni-Ricardo (2011, p.31) comenta que não se pode “pensar na língua humana como um objeto que não evolui”. Ou seja, não se pode investigar a língua sem analisar os fatores extras linguísticos que ela nos oferece. Já que a mesma é por excelência uma instituição social indispensável. Deste modo, é impossível estudá-la e não levar em conta os fatores socioeconômicos e históricos que lhe condicionam a evolução. Podemos citar como exemplo as pessoas que utilizam a linguagem pra se comunicar pela sociedade.

Castilho (2010, p. 197) aponta que:

As línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia. Elas são também inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam precisam adaptar-se às novas situações históricas.

Sendo assim, a escola deve estar preparada para o ensino de uma língua heterogênea, viva e maleável. Para tanto, deve-se preparar os profissionais para abordar as diversas normas que são estabelecidas perante a sociedade. Cabe enfatizar que a mesma é um local rico em variedades linguística, deste modo, por que não abrir mais espaço para discutir e estimular o aluno a conhecer sobre o ensino da variação linguística. O papel da escola diante da sociolinguística é essencial para os discentes, não podemos ignorar as particularidades que

a língua nos propõe. Pelo contrário, devemos respeitar e valorizar a variedade linguística de cada aluno, sem que lhe sejam negado a aprender tanto as variantes de prestígio, como as variantes culturais, pois a língua é um bem cultural muito importante para a ascensão social. Bortoni – Ricardo, Stella Maris (2005, p. 15): ainda confirma que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.

Desta forma, o ponto de partida da escola deveria ser as variedades linguísticas, já utilizadas pelos alunos, como o contexto social no qual, os mesmos estão inserido, como o processo histórico, cultural e político. Portanto, esses são alguns fatores que devem ser levados em conta quando forem abordadas as variedades linguísticas em sala de aula. O professor aqui tem que ser uma espécie de mediador no processo de ensino e aprendizagem do aluno. Pois, ele é o sujeito que sabe ensinar os alunos a ler e refletir sobre o conteúdo abordado em questão.

De acordo com os estudos de Castilho (2010, p. 205):

Quem pratica o português popular não ‘fala errado’ – apenas opera com a variedade correspondente ao seu nível sociocultural. Quem pratica o português culto não ‘fala certo’, de novo apenas se serve da variedade correspondente ao seu nível sociocultural. Falar errado é não se fazer entender em seu meio, como bem lembrava o professor Antenor Nascentes, ou é usar uma variedade inadequada ao meio em que o falante se encontra.

Sobre as concepções de ensino que Castilho (2010) dialoga acima, o mesmo faz uma alusão aos falantes da língua popular e letrada, respeitando cada uma delas conforme suas peculiaridades. Podemos perceber que as pessoas que praticam o português popular não falam errado, apenas fazem uso da variedade correspondente ao nível social e cultural que lhe pertence. Da mesma forma, acontece com as pessoas que falam o português culto o mesmo vai fazer uso de sua variedade correspondente.

Sendo assim, a escola é o local pertinente de encontro entre estas ricas variedades que devem ser explorada de modo produtivo entre os alunos. Conforme o ponto de vista de BRASIL (2008, p. 27). Os dialetos são paralelos do ponto de vista linguístico: “nenhum é melhor do que outro. Cada um cumpre corretamente suas funções comunicativas, no âmbito em que é usado. Considerar um superior a outro é um preconceito sem fundamento.” No ponto de vista dos linguistas não existe erro na língua, o que existe são

variações e mudança, já que nossa língua representa a cultura de nosso povo, nossas origens. A sala de aula, é o local pertinente de interações e diálogo entre os diversos sujeitos que se apropriam dos conhecimentos fornecidos pela humanidade. Sendo assim, Porto (2009, p.15) reforça “que professor e alunos são sujeitos, cada um no seu papel, e interagem via linguagem, descortinando o conhecimento por meio de textos, e diálogos.”

Assim, até aqui buscamos traçar uma discussão teórica sobre o que é a variação linguística, já que a mesma é um ato natural da fala e perpassa por todos os níveis da língua. Destacando-se a escola enquanto local em que ocorre a junção de várias variedades linguísticas como a origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, o contato direto com outras pessoas e assim, sucessivamente.

4 IDENTIFICANDO MARCAS DE ORALIDADE NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS DO 7º ANO A

O objetivo deste capítulo é relatar sobre os procedimentos para realização do presente estudo, o tipo de pesquisa, o campo de desenvolvimento e observação, a coleta de dados, os sujeitos envolvidos na pesquisa. Apresentamos as análises de fragmentos dos textos dos alunos, explicitando o procedimento metodológico utilizado.

4.1 Traçando o percurso metodológico

A metodologia conforme Andrade (2010, p.12) é um “conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca de conhecimentos.”. Diante disso, esta pesquisa é de cunho qualitativo de campo. Pois envolve técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionários e observações não participantes, pelo fato do pesquisador estar inserido na comunidade estudada, mas não se envolve, permanece de fora, ou seja, o pesquisador é apenas um elemento a mais. Segundo Oliveira (2010, p.27) fazer o uso da pesquisa qualitativa:

É analisar e interpretar os dados, refletir e explorar o que eles podem propiciar buscando regularidades para criar um profundo e rico entendimento do contexto pesquisado. Pesquisar requer profunda habilidade na coleta de dados e uma escolha metodológica que proporcione uma estrutura para o processo de pesquisa.

O objetivo desta pesquisa é identificar quais as marcas de oralidade nos textos de língua portuguesa dos alunos do 7ºano A. Os sujeitos da pesquisa serão os alunos do 7ºano A e 01 (um) professor de Língua Portuguesa da escola Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha.

Gil (2002) conceitua que “o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade seja ela de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade.” Ou seja, a pesquisa de campo é classificada de acordo com os diferentes enfoques (critérios) envolvidos pelos pesquisadores.

A professora, participante desta pesquisa foi informada de todo o processo e método da pesquisa. Os sujeitos participantes não serão identificados, por motivos éticos, utilizaremos siglas como a do professor (P1) as dos alunos são (aluno A, B, C). Os alunos

participantes não foram informados do processo da pesquisa, para coletar as atividades foi aplicado um projeto do (Pibid) com os alunos, com a permissão da professora. Foram coletados 27 produções feitas em sala pelos alunos e escolhidas 12 atividades para fazer as análises e interpretação de dados desta pesquisa.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa com a professora da escola foi o questionário e as observações não-participante. A observação não-participante, conforme Lakatos e Marconi (2003) “faz com que o pesquisador assuma o contato com a comunidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanecendo de fora, vivencia os fatos, mas não participa deles; não se deixa envolver pelas situações em que está inserido.” Ou seja, o pesquisador só observa e coleta os dados necessários para sua pesquisa, sem se envolver nas situações vivenciadas. Este método foi utilizado com a professora regente da turma para detectar qual o tipo de metodologia que a mesma utilizava em sala de aula com os alunos. Para daí identificarmos quais as possíveis causas dessas marcas aparecerem nas produções dos alunos.

Inicialmente para obter informações necessárias para realizar esta pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico, para facilitar o primeiro contato do pesquisador acerca da temática pesquisada. Oliveira (2010, p.22) ainda salienta que “Quando o pesquisador entra em campo para pesquisar ele traz consigo toda uma bagagem intelectual e experiência de vida.” Pois, é a partir do seu conhecimento de mundo que o mesmo vai poder tirar suas próprias experiências e conclusões.

Os aportes teóricos utilizados nesta pesquisa foram: Bagno (2002,2007), Marcuschi (2001), Lakatos e Marconi (2003, 2010), Oliveira (2010), Gil (2001), Andrade (2010), Bortoni- Ricardo e Stella (2005), Porto (2009) entre outros.

4.1.1 Caracterizando o Campo de Pesquisa

A Instituição selecionada para o desenvolvimento desta pesquisa foi o Instituto Educacional “Cônego Nestor de Carvalho Cunha”. Está localizado na Rua Barão do Rio Branco, nº 949 no centro do município de São Bernardo-MA zona urbana. Tem as seguintes modalidades de ensino, fundamental maior e a EJA. É uma Instituição pública, fundada em 1974, funciona nos 03 (três), turno matutino, vespertino e noturno. Cada turno funciona 16 salas de aulas, com exceção da EJA que funciona apenas com 5 salas. A pesquisa foi realizada no turno “matutino” com os alunos do 7º ano A.

A estrutura física da escola é constituída em alvenaria com apenas um andar. A mesma possui 01 (uma) sala para a diretora, 01 (uma) para a secretaria, 01 (uma) para os professores, 01 (uma) sala de reuniões, 16 (dezesesseis) salas de aula, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) cozinha, 01 (uma) sala de informática, 01 (um) auditório, 02 (dois) banheiros um masculino/feminino, os dois são adaptados para pessoas com necessidades especiais. A escola atende alunos de vários bairros do município e alguns alunos vindos de povoados vizinhos a cidade. Ao todo podemos afirmar que a escola atende um total de 1.000 (mil) alunos no geral, ou seja, totalizando os três turnos.

A instituição possui 01 (uma) diretora, (01) uma secretaria, (03) três vigilantes, 01(uma) coordenadora, 01 (um) interprete de Libras, (01) assistente social, 01 um agente administrativo, 03 (três) auxiliares de serviços gerais. A mesma possui 57 (cinquenta e sete) professores todos com licenciatura plena. Com exceção de 01 (um) que já está concluindo seu mestrado.

4.1.2 Ação pedagógica da professora de Língua Portuguesa em sala de aula

Esta investigação foi realizada com apenas uma professora pelo fato da mesma atuar nos 6º e 7º anos. No quadro abaixo buscamos traçar o perfil do professor investigado.

Quadro 1 – Dados sobre o perfil profissional da professora de Língua Portuguesa

Sujeito	Sexo	Graduação	Especialização	Tempo de serviço	Ano que atua	Carga horária de trabalho
P1	Feminino	Letras/Português	Em Língua Portuguesa e Literatura	10 Anos	6º e 7º ano	60 hs semanais

Fonte: Autor , 2017

É notório salientar que a professora investigada possui graduação em Letras/Português e especialização em língua portuguesa e literatura, já trabalha na área há dez anos, e atualmente cumpri uma carga horaria de trabalho de 60 h/a semanais. Outros sujeitos envolvidos na pesquisa são os alunos, os mesmos tem idade entre 12 e 15 anos, a maioria é natural de São Bernardo e alguns de municípios vizinhos.

Em nosso estudo procuramos responder os seguintes questionamentos: se há marcas de oralidade nos textos autobiográficos dos alunos? quais as principais marcas de oralidade presentes nos textos de Língua portuguesa? E, porque estas marcas ocorrem nos textos dos alunos do 7º ano A?

Para identificarmos qual a metodologia que a professora vem utilizando em sala de aula com os alunos, foi aplicado um questionário, na qual irá constar em apêndice, logo em seguida foram realizadas quatro observações não participante, para comparar as informações obtidas. A seguir apresentamos um quadro com pergunta e respostas da professora que participou da pesquisa.

Quadro 2 – Dados sobre a entrevista realizada com a professora pesquisada

Questão 1	Você participa de algum projeto desenvolvido em sua escola? Qual o projeto e sua finalidade?
Resposta	Sim, o projeto Pibid, programa da capes junto com a UFMA, com a finalidade de desenvolver e aprimorar a leitura e escrita dos alunos do ensino fundamental 6º ou 9º ano.
Questão 2	Como você trabalha a leitura, Escrita, Gramática e oralidade em sala de aula com seus alunos? Explique?
Resposta	Através de atividades de produções, pois envolve todos os eixos citados, inicialmente leitura e oralidade em seguida a escrita que a partir daí trabalho a gramática nos aspectos; morfológicos, sintáticos e também a ortografia.
Questão 3	Como base em suas experiências, trabalhar somente com o livro didático favorece aos alunos uma boa aprendizagem, capaz de motiva – lós a ler e escrever?
Resposta	O livro didático é o recurso mais utilizado, pois é como um roteiro para a escolha dos conteúdos, mas somente o livro didático não os motiva, os alunos também precisam conhecer e fazer o uso de outros recursos para complementar à aprendizagem.
Questão 4	Que atividade, você considera que contribui para a aprendizagem dos alunos? E que contemple as quatro áreas de ensino de língua portuguesa?
Resposta	Considero a atividade de produção de gênero textual uma das mais significativas, sendo que a mesma trabalha todas as áreas do ensino da língua.
Questão 5	Qual a metodologia que você trabalha em sala de aula visando aprendizagem dos seus alunos?
Resposta	Não, existe uma metodologia certa ou única que utilizo, depende de cada necessidade da turma, o nível de aprendizagem, mas sem duvida trabalho com a leitura de diferentes gêneros, e de vez em quando trabalhar com uma atividade lúdica sempre traz bons resultados, pois motiva-os a querer aprender. Isso não quer dizer que alguns métodos tradicionais não sejam levados em conta e merecem ser utilizados na sala de aula.

Fonte: Autor, 2017.

Na questão 1 a professora quando indagada sobre participação em projeto desenvolvidos na sua escola cita somente o Pibid. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (Pibid), vem sendo desenvolvido junto à Universidade Federal do Maranhão (UFMA/São Bernardo) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior(CAPES). Esta proposta vem sendo vivenciada pelo Curso de Linguagens e Códigos

Campus São Bernardo desde 2011¹, quando foi aprovado pelo edital N° 001/2011 CAPES, O Pibid oferece bolsas de iniciação a docências aos alunos do curso de licenciatura com o intuito de desenvolver atividades pedagógicas em parceria com as escolas pública da educação básica, os docentes das escolas conveniadas passam por um processo seletivo para ingressarem no programa, após aprovação também recebem uma bolsa. De acordo com o portal do MEC o programa tem “a intenção de unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas em que o índice de desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) está baixo da média Nacional.” Ou seja, este projeto incentiva e valoriza a formação de docentes do ensino superior para a melhoria da educação básica.

Com base nas observações² realizadas, concluímos que em suas aulas, a professora, não utilizar uma metodologia fixa. O trabalho com divisão de grupos de alunos em sala de aula é bem comum, traçando estratégias diversificadas para aprendizagem dos mesmos.

No trabalho com os quatro eixos de ensino da língua portuguesa, a docente centra no ensino dos gêneros textuais. Como a mesma afirma na resposta à questão 4 “considero a atividade de produção de gênero textual uma das mais significativas, sendo que a mesma trabalha todas as áreas do ensino da língua.”.(P1). Constatamos que realmente há um empenho no desenvolvimento das atividades com base nos gênero textuais pela professora. Durante o período de observação da professora no acompanhamento dos alunos-bolsistas do Pibid sob sua orientação, a mesma solicitava que a mediação destes nas aulas de língua portuguesa fossem no ensino com base nos gêneros textuais, enquanto ela reforçava o ensino da gramática com o auxílio do livro didático. Assim o que foi expressado na questão 2 quando indagada sobre como trabalhava leitura, escrita, oralidade e gramática, foi constatado conforme resposta da docente. Outro ponto que destacamos foi quanto ao uso do livro didático, apesar da mesma colocar a relevância e importância do mesmo, não observamos o uso somente deste recurso pedagógico.

¹ No período da pesquisa o subprojeto no curso de Linguagens e Códigos estava dividido em dois grupos, um interdisciplinar e outro de Linguagens/português sobre a supervisão geral de Bergson Utta.

² Após aplicação do questionário, fomos novamente a campo para momento de observação, no sentido de realizar um confronto entre o que foi descrito no questionário e a prática pedagógica desenvolvida pela professora.

4.2 Análises dos textos dos alunos: compondo as marcas de oralidade

Este trabalho como já foi explicado na introdução tem o objetivo de identificar as marcas de oralidade nos textos de língua portuguesa dos alunos do 7ºano A da escola “Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha”. A partir de textos produzidos pelos alunos com base nas intervenções em sala de aula realizadas pelos alunos-bolsistas do projeto de iniciação a docência PIBID.

O ensino de Língua Portuguesa atualmente é realizado através de textos, pelo fato de ser extremamente importante para a aprendizagem e desenvolvimento do aluno. Os PCN (1998, p. 23) colocam que é “necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas”. Por que os gêneros são maleáveis e infinitos, além de possibilitar trabalhar de várias maneira.

Deste modo, é impossível não se comunicar e não utilizar os gêneros textuais em seus textos seja ele oral ou escrito. Sobre isso Marcuschi (2008, p.155) ressalta que “os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativo característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”. Ou seja, sua importância está na forma de como a língua é empregada nos textos que utilizamos em nosso dia-a-dia, que vai desde uma bula de remédio a um debate ou discursão em sala de aula.

O material de análises coletados foram 22 (vinte e dois) textos do gênero autobiografia produzidos pelos alunos do projeto (O gênero autobiografia: ferramenta pedagógica para o ensino de leitura e escrita na escola em forma de sequência didática.)

Destes textos foram analisados apenas 12, nos quais foram constatadas algumas marcas de oralidade típicas da fala. As categorias de análises são a seguintes:

1. Como fazer referência a algo que está fora do texto;
2. Repetir palavras;
3. Usos de organizadores textuais continuadores típicos da fala;
4. Justaposição de enunciados, a troca da consoante L pela vogal U;
5. Segmentação gráfica. (Koch; Elias, 2012)

Ao analisar os textos escritos pelos alunos sujeitos dessa pesquisa verificamos que em sua maioria utilizam a sequência quanto à estrutura, mantém a organização sequencial do

gênero escrito como a introdução, desenvolvimento e conclusão. Mas tem alguns que sabe a estrutura do gênero autobiografia, mas não utilizar sinais de pontuação, tornando assim, complicado a compreensão do texto.

A seguir iremos analisar os textos e identificar as principais marcas de oralidade presentes nos textos de língua portuguesa dos alunos do 7ºano A e fundamentar esta análises com os estudos de Koch, Elias (2012), Elias (2013) e Cagliari (1993, 2009).

4.2.1 Marca 1: Palavras Repetidas

Trouxemos aqui alguns trechos das produções autobiográficas dos alunos referente a cada marca encontrada. Iniciaremos essa análise com uma marca bastante utilizada tanto na escrita quanto na fala a repetição.

De acordo com os estudos de Koch, Elias (2012, p.22) afirma que a repetição “constitui um recurso retórico, desempenha funções didáticas, argumentativas, enfáticas entre outras”. Em outras palavras a repetição é uma forma textual muito usada na oralidade, mais isso não impede de encontramos na escrita, desempenhado forte recurso possessivo. Além de favorecer o movimento da progressão textual assegurando-se a repetições de elementos dentro das orações, a cada vez que e repetida essa estrutura são acrescentada uma nova informação, que são acrescentadas ao seu texto como forma de explicar ou exercer uma força argumentativa entre os interlocutores. No texto escrito a repetição ocorre quando o aluno utiliza mais de uma vez a mesma palavra, para demonstrar observe os exemplos abaixo.

A1

[...] **Eu** gosto de brincar muito quando **eu** era criança, mais agora **eu** não brinco mais, as vezes quando **eu** passo pela rua **eu** vejo as crianças brincado **aí** a gente lembra e da vontade de brinca para não brinca **eu** fico só olhando.

A2

[...] Então **essa** e minha **historia** só com essa autobiografia qualquer um pode me reconhecer **essa** e a **historia** da minha vida e muito mais de bom ou ruim há de vir.

A3

[...] O país em que nascie aqui Brasil, **e a** cidade nascie foi São Luiz **e** agora moro em São Bernardo, **e eu** não sei bem mais **eu** acho que e porque a minha vó e condenadora de igreja lá em São Luis.

A4

[...] **Eu** me chamo A4, **eu** não gosto de falar sobre a minha infância **mais** como e pra vocês **eu** vou abrir meu coração, na verdade tenho dez irmão **mais** que mora comigo e cinco era quatro mulher mais eu sou a caçula[...]**eu** estudo no Cônego.

A5

[...] Quando pequena meu pai morava em Parnaíba e eu morava em São Bernardo com minha mãe, a gente **ia** sempre pra casa dos meus avós **era muito** divertido **eu ia** banhar no rio pescava... **eu** tinha varias criações de animais cavalos, boi, galinha... **eu era muito** danada gostava de me ariscar.

A6

[...] Eu mim lembro **muitas coisas** que adoro e **muitas coisas** que lembro com desagrado. **Muitas coisa** ruim aconteceu quando **meu pai brigou com meu pai** mais aconteceu uma **coisa** de bom a minha voltou a ficar junto com ele.

A7

[...] **Eu** ajudo a minha mãe na casa e da vó na coisa dela e no almoço e da casa no futuro quero ser cantora, professora, meu pai trabalha minha mãe também, **eu** fico com meus irmão **eu** estudo no Instituto E. Cônego Nestor Carvalho cunha **eu gosto** de estudar muito **gosto** de brinca... **eu gosto** da professora Karla e das outras...

A8

[...] meu nome é A8 tem 13 anos nascie na cidade de São Bernardo... **eu adoro** jogar futebol torço para três times Flamengo, Brasil e Real Madri, **adoro** muito meus pais Francisca e Reginaldo **ele** não e **meu** pai biológico **ele** conheceu minha mãe a oito anos atrás... **ele** criou **eu** e meus dois irmão... **eu** amo **meu** padrasto, **eu** acho se o **meu** pai biológico aparecesse **eu** não queria conversar e nem olhar pra cara dele.

A9

[...] **Eu nasci** em 2004 no mês 10 o dia 26 tenho 13 anos **eu nasci** em São Bernardo **no hospital** Felipe Jorge. **E no hospital** minha vó escolheu meu nome **eles gosto** do meu nome todo mundo **gostou meus** tios **meus** primos **meus** irmão e irmã minha mãe escolheu **meus** padrinho são gente boa **eu gosto** muito deles.

A10

[...] **Eu** sou um menino normal... **eu** não sei o que vou ser quando completar meus estudos gostaria de ser um desenhista mas não tenho talento para desenhar gostaria de conhecer...

É importante respaldar que das 12 produções analisadas apenas duas não usaram a marcar de repetição. Em todos os trechos expostos acima, deixamos claro o uso de repetições de algumas palavras na maioria das vezes para afirmar ou acrescentar novas informações ao texto, este foi o caso do **A1** que usou o pronome “eu” seis vezes sempre que iria acrescentar algo novo ao para argumentar sobre algo que já estava explicitado dentro da produção.

O pronome “eu” sempre era utilizados com caráter de uma possível referência textual sem o uso dos marcadores adequados. Isso ocorre porque, todo falante ou escritor

quando fala ou escreve quer transmitir algo ao seu leitor ou ouvinte, assim o mesmo expressa sua atitude sobre o que diz ou escreve em quaisquer níveis da língua em uso.

4.2.2 Marca 2: Referentes

Outro fenômeno encontrado nos textos dos alunos foi à questão da referência que segundo Koch, Elias (2012, p.19) ressaltam que é comum na oralidade, “os referentes serem recuperáveis na própria situação discursiva: basta, assim, apontar para eles, apontar ou dirigir o olhar, ou fazer gestos em sua direção.” Isso sobrevém por que os interlocutores já compartilham uma vasta gama de conhecimento tanto sobre a situação comunicativa como também acerca do objeto ou assunto na qual estão discutindo. Para exemplificar melhor observe dois trechos de duas produções.

A1

[...]Eu já morei em Bacabal **lá** eu brincava muito eu morava em frente a rio **lá** agente brincava mais no rio.

A12

[...]E vou para Manaus em dezembro com meu pai **ele** esta **lá** na casa da irmã dele **ele** está trabalhando no comercio de Manaus...

Nas produções exposta acima, os alunos A1 e A12 usaram em seus textos uma marca muito usada na oralidade à questão referencial, na qual os interlocutores compartilham conhecimentos relativos à situação comunicativa. Isso foi o caso dos dois exemplos citados, quando o A1 iniciar sua fala afirmando que “já morou em Bacabal”, e logo em seguida o mesmo se refere à cidade com a palavra ‘Lá’ afirmando que “em Bacabal ele brincava muito no rio”.

Já na autobiografia do A12, o mesmo se refere a seu pai com o pronome “ele” mais de uma vez para firmar que seu pai está em Manaus trabalhando no comércio. Tanto o A1 quanto o A12, insere informações explicativas, apresentando onde e quem, assim sempre trazendo algumas informações para recordar a mente do seu leitor.

4.2.3 Marca 3: Organizadores textuais (*e, ai, dai, etc*)

Outra marca típica da fala encontrada nas produções dos alunos foi o uso dos organizadores textuais como “e, aí, daí, então” etc. Portanto, de acordo com os estudos de Koch, Elias (2012) são ricos em organizadores textuais típicos da oralidade. (p.23). Vejamos agora esses marca nas produções escritas dos alunos.

A11

[...] **Aí** minha tia teve a ideia de pedir o cachorro do vizinho emprestado para procurar o coelhinho. **Aí** ele tava lá na casa velha muito assustada, **ai** minha tia pegou ele e voltamos para casa...

A3

[...] O país em que nascie aqui Brasil, **e** a cidade nascie foi São Luiz **e** agora moro em São Bernardo, **e** eu não sei bem mais eu acho que e porque a minha vó e condenadora de igreja lá em São Luis.

A1

[...] vejo as crianças brincado **ai** a gente lembra e da vontade de brinca para não brinca eu fico só olhando.

Esses tipos de organizadores textuais são bem comuns na oralidade, nas palavras de Elias (2012, p.19) salientam que “os marcadores não tem a mesma distribuição e são distintos tanto na oralidade quanto na escrita.” Na escrita estes marcadores, nomeados de organizadores textuais são conectivos que desempenham funções essenciais para a clareza e coerência dos gêneros acadêmicos. Ou seja, o mesmo contribui para destacar e relacionar as ideias dentro dos textos escritos.

Já na fala estes marcadores são chamados de marcadores conversacionais que aparecem na fala para desempenha papéis específicos, como designar não só elemento verbal, como também a prosódico linguístico que desempenham funções interacional na fala. Sendo assim, prosódia são elementos que auxiliam a fala no momento, ou seja, no processo interacional. Portanto, os marcadores conversacionais são os meios pela quais a língua utilizar para facilitar a articulação entre o dito e o contexto.

Ao lermos os textos dos alunos A1, A3 e A11 percebemos que eles usam muito os marcadores conversacionais. Na produção do A1 ele usou o marcador ‘**ai**’ só uma vez, já o A3 usou o marcador ‘**e**’ três vezes sendo que em uma mesma linha utilizou duas vezes. No texto autobiográfico do A11 os marcadores conversacionais apareceram três vezes a marca ‘**ai**’. Sendo assim, das 12 produções analisadas apenas 3 alunos utilizaram em seu textos a marca de oralidade, organizadores textuais continuadores típicos da fala.

4.2.4 Marca 4: Justaposição de enunciados

Também foi encontrada nas produções dos alunos a troca da consoante ‘l’ pela vogal ‘u’ ou vice/versa. Houve também a troca de vogal ‘o’ pela vogal ‘u’. Estes dois fenômenos foram encontrados na produção do aluno A10. Veja o trecho abaixo:

A10

[...] Meu nome é A10 Sousa da **Siuva** tenho 13 anos nacie e 2004 em julho e estou na 7º serie **anu** A eu **moru** em são Bernardo... eu sou um menino normal mais so **iguau au** eu gosto de ser um desenhista mais não tenhu talento.

Aqui podemos destacar a troca da consoante ‘l’ pela vogal ‘u’ nas seguintes palavras: *siuva* (silva) e *iguau* (igual) que no trecho estão em negrito, e também a troca da vogal ‘o’ pela vogal ‘u’, nas palavras *anu* (ano) e *moru* (moro). Isso ocorre por que em alguns casos a pronúncia dessas letras serem semelhantes ou também pode ser o caso das marcas de nasalização que faz com que os alunos escrevam de acordo com a transcrição fonética. Sobre isso Cagliari (2009) ainda afirma que a criança “[...] escreve um u em vez de o ou vice/versa, pois, fala [u] e não [o] [...]” (1993, p.139). Isso pode ocorrer por que é uma característica comum da língua coloquial.

4.2.5 Marca 5: Segmentação gráfica

Outra marca encontrada foi a juntura (segmentação gráfica), este fenômeno trata-se da estrutura gráfica das palavras. O mesmo ocorre sempre que acontece a junção de duas palavras, ou também pode juntar ou separar sílabas de uma única palavra. Acontece na maioria das vezes com a última letra de uma juntando com a segunda da seguinte sílaba. De acordo com os estudos de Cagliari (2009, p.101) o mesmo assegura que “a relação entre as letras e os sons da fala é sempre muito complicado pelo fato de a escrita não ser o espelho da fala é porque é possível ler o que está escrito de diversas maneiras.” Ou seja, devemos considerar também como os falantes reproduzem as palavras, porque vai depender de como ele executa os sons ditos em determinadas alturas e os critérios usados pelo mesmo, no caso a

forma de como ele pronuncia as palavras. Assim, logo abaixo segue um exemplo de juntura utilizado em um das produções escrita dos alunos.

A7

[...] *As professoras são muito legal e **poriso** que eu gosto delas elas são muito especiais.*

Koch e Elias (2012) asseveram que a segmentação gráfica é comum nos textos de crianças e que ocorrem com base nos vocábulos, ou seja, aquilo que a criança aprende como um todo. Sendo assim, quando o aluno A7 usou em sua produção a palavra ‘**poriso**’ tendo efetuar a segmentação gráfica adequada acabou caindo no oposto emendando a palavra conforme a maneira de como o mesmo pronunciou. Desta forma não podemos considera a palavra ‘poriso’ como um erro e sim concebemos, como uma marca de oralidade, já que o aluno na fala não sabe fazer essa distinção, então quando o mesmo vai fazer a escrita ele partir da língua falada e não da escrita. Sobre isso Cagliariari ainda exemplifica que:

Uma criança que escreve *disi* não está cometendo um erro de distração, mas transportando para o domínio da escrita algo que reflete sua percepção da fala. Isto é, a criança escreveu a palavra não segundo sua forma ortográfica, mas segundo o modo como ela pronuncia. Em outras palavras, fez uma transcrição fonética. (1993, p.31).

Deste modo a criança quando escreve ‘disi’ ao invés de desse ela não está cometendo um erro, mas sim trazendo marcas da fala pra escrita, porque a criança buscou escrever a palavras de acordo com a sua pronúncia e não pela forma ortográfica. Fazendo assim apenas uma transcrição fonética. É neste momento que o professor deve propiciar aos alunos métodos e estratégias eficazes que posso conduzi-lo a uma melhor aprendizagem.

Importa ressaltar, que essas marcas têm que ser eliminadas aos poucos, isso cabe ao professor intervir no período de aquisição da escrita, trabalhando gradativamente e levar o aluno a perceber que o texto falado se difere do escrito.

Portanto, as marcas de oralidade mais recorrentes nos textos escritos pelos alunos foram repetições de palavras muito próximas, os marcadores conversacionais típicos da fala e, principalmente, a escrita próxima da transcrição fonética, a questão referencial e a segmentação gráfica. Deste modo, fica claro, que os alunos ainda não assimilaram a diferença

entre uma situação e outra, cabendo ao professor conscientizar e desenvolver atividades que facilite o reconhecimento das características da escrita e da fala.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que este estudo buscou trazer inicialmente um debate sobre a oralidade e a escrita no ensino de Língua Portuguesa. Pois, sabemos que durante muito tempo o ensino da mesma vem sendo pautado no ensino de regras e frases soltas, assim fala Antunes (2003). Para tanto, apresentamos aqui como material de análises as autobiografias dos alunos do 7º ano A, do Ensino Fundamental, da Escola Cônego Nestor de Carvalho Cunha, localizada na cidade de São Bernardo-MA. As produções de análises foram adquiridas por meio do projeto “*O gênero autobiografia: ferramenta pedagógica para o ensino de leitura e escrita na escola em forma de sequência didática.*” O qual faz parte do PIBID/ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos, Campus São Bernardo.

Esta pesquisa surge a partir dos seguintes direcionamentos primeiramente procuramos verificar se há marcas de oralidade nos textos autobiográficos dos alunos? Quais as principais marcas de oralidade presentes nos textos de Língua portuguesa? E porque estas marcas ocorrem nos textos dos alunos do 7º ano A.

Após as análises de dados norteados pelos estudos de Koch, Elias (2012); Marcuschi (2008); Cagliari (1993) entre outros. Podemos constatar que Sim, há marcas de oralidade nos textos dos alunos e as principais marcas de oralidade presentes nos textos autobiográficos dos alunos do 7º ano A, foram o uso da referência a algo que está fora do texto; repetir palavras; usos de organizadores textuais continuadores típicos da fala; justaposição de enunciados; a troca da consoante L pela vogal U e a segmentação gráfica.

Também constatamos que isso vem ocorrendo pela falta de leitura que os alunos não realizam constantemente, pois como sabemos quem tem o hábito de ler diariamente tem mais possibilidades de produzir textos de diferentes gêneros. Pois, como afirma Martins (1991 apud Porto 2009, p.25) “a leitura é uma experiência individual sem demarcações de limites [...]”. não vai depender de demarcações de sinais, mas sim do contexto ligado e da experiência de vida de cada leitor, pois é a partir disso que o mesmo vai poder relacionar o seus conhecimentos prévios com os dos textos lidos. E assim construir seu próprio sentido diante do texto. Em conformidade com os estudos de Cagliari (2009, p. 88) entende-se que qualquer escrita pode-se alcançar a leitura. Pois “a leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos em fala”. Ou seja, quem ler implica na criação de novos conhecimentos entrelaçados nas informações já existentes, estabelecendo uma relação direta entre o seu acervo pessoal.

Assim, finaliza-se este trabalho esperamos que com esta pesquisa em torno da oralidade e escrita, possamos ter contribuído de forma significativa sobre o processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa. Já que como vimos à oralidade não tem o mesmo espaço e valorização dentro da escola como a escrita tem.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aulas de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editora, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MCE/SEF, 1998.
- _____. ministério da Educação. Capes- Coordenação de aperfeiçoamento pessoal de Ensino Superior. 2016.
- BAKHTIN, M. M. **O problema dos gêneros discursivos**. In: Estética da criação verbal. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- Bortoni-Ricardo, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 15, 61.
- BORTONI – RICARDO, S.M. Educação em Língua Materna- A Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial. 2004.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- Disponível em < <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/autobiografia-como-contar-a-sua-propria-vida.htm?empid=copiaecola>> Acessado em 07 de julho de 2017
- Disponível em < Portal. Mec.gov.br/Pibid > acessado em 21/10/2017
- GUIMARÃES, J. A. Regulamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência- PIBID. Portaria nº 096, 2013.
- REVISTA LETRA MAGNA. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura - Ano 04 n.07 - 2º Semestre de 2007.
- MARCONI. A. M. LAKATOS. E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo. Ed. Atlas. 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. 2008
- OLIVEIRA, Almir Almeida de. **Observação e Entrevista em Pesquisa Qualitativa**. Universidade Federal de Alagoas, Revista FACEVV número 4, Vila Velha, 2010.
- PORTO, Márcia. **Mundo das ideias: um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba: Aymar, 2009.
- KOCHE, Vanilda Salton. MARINELLO, Adriane Fogali. **Gêneros textuais: Práticas de Leitura Escrita e Análise Linguística**. Editora: Vozes Ltda, 2013.
- Koch, Ingedore Villaça, Elias, Vanda Maria. **Ler e Escrever: Estratégias de produção textual**. 2. ed, 1ª reimpressão- São Paulo Contexto. 2012.

ANEXOS

ANEXOS 1

17 Autobiografia do Ruyssa
 Oi, eu me chamo Ruyssa de Sousa Lima
 eu não gosto de falar sobre a minha
 infância mais como é pra vocês eu
 não quero falar meu coração na verdade
 tenho 10 irmãos mais que mais amigos
 e cinco era quatro mulheres
 eu sou a mais nova mais a avó
 morreu de quebrante noj mais brabo
 de Deus não tivesse levado ela
 ela tinha 72 anos mais como
 Deus quis assim agora eu sou
 a cocota 14 tenho 13 anos e
 isso é a minha história da infância
 Eu estudo no colégio 7 ano A
 nasci no dia 20/07/2002 em São
 Breemado MA.

ANEXOS 2

Eu mim chama Juliana Silva dos Santos
 tenho 13 anos more em um povoado não muito
 perto de São Bernardo, o nome é Vila São José,
 morei em São Bernardo, mas no dia 29/06/2004,
 mas foi criado no povoado vila São José.
 O nome do meu pai é José Carlos Cruz dos
 Santos, e da minha mãe é Alexandra
 Alves da Silva. Meu pai trabalha de carpinteiro
 e minha mãe trabalha para a prefeitura, os
 meus pais são muito importante para mim
 não só eles mas a minha família toda, é
 graças de meus pais terem escolhido o meu
 nome é que eles acharam muito bonito,
 eu tenho varias amigas, mas só uma em
 que posso confiar. Essa é minha melhor amiga
 ela se chama Ana Paula, e que eu mais
 gosto de brincar é andar de bicicleta com as
 minhas amigas, o que mais mim agrada é ir
 para a casa dos meus avós. E o que não mais
 agrada é ficar de recuperação na escola,
 as materias que eu mais gosto é português,
 Ciências, matemática, e as professoras que eu mais
 gosto é a Bruna, Valdivene, Paulo Enique, Katrine
 Francimario do Rêlidi. Quando eu termino os
 meus estudos eu quero ser veterinária,
 mas o meu sonho mesmo é ser professora
 de Educação Física, também tem uma coisa que mim
 deixa muito feliz foi a nota que eu ganhei

ANEXOS 3

Autobiografia

30 Meu nome é Ana Cláudia Silva da Rocha tenho 12 anos nasci em São Bernardo no dia 10 de Outubro de 2004 sou filho de Doane e Ana Paula, eu tenho dois irmãos sou estudante, eu ajudo a minha mãe na casa da vó nas Coisa dela e no almoço e da casa no meu futuro quero ser cantora, Professora, meu pai trabalha minha mãe também eu falo com meus irmãos ~~eu~~ estudo em Instituto E. Comigo, neste Colégio Lunka. eu gosto de estudar muito gosto de brincar, estudar, ler, e fazer minhas tarefa de casa eu gosto da prof. Professora Karla, e das outras as minhas materias preferida é Ciências, História, Português, Ensino Religioso, Educação física e filosofia só que eu gosto, tenho muito varios amigos gosto muito deles e delas a minha Professoras preferidas é Karla, Bruna, Francimária, Valdilene. eu tenho estudar muito porque as minhas Prova só tiro nota ruim tenho que melhorar as minha notas, as Professora são muito legal e porisso que eu gosto delas elas são muito especial é Bruna, Francimária, Karla, e Valdilene e eu gosto muito do meus amigos ele são melhor amigos que tenho gosto de brincar do queima de valem, as vezes joga futebol com o meus irmão o mais novo que gosta que joga bola ele tem 6 anos de idade eu trabalho em casa fazendo as Coisa eu gosto de viajar em Santana e Baixa grande gosto de ir pra casa da minha tia ela mor aqui em São Bernardo ela tem dois filho o tio e tia trabalhando eu sou quita em sala de aula as vezes sim e não a filha da minha Professora ela é bonita le gusta de brincar ela tá aqui na sala com a professora Valdilene ela é legal Comigo e com

life is beautiful

ANEXOS 4

8

Autobiografia de Brunda

Olá, meu nome é Brunda nascimento de araujo e não tenho apelido.

Eu nasci em 25 de fevereiro de 2005 foi o dia que eu nasci, minha mãe em São Bernardo do Maranhão, eu nasci em hospital Felipe Jorge de madrugada.

Os meus pais tiveram escolhido esse nome foi porque tiveram esse momento para escolher juntos foi então que minha mãe disse para eles. então meu nome é Brunda.

Eu mim lembro muitas coisas que adoro e muitas coisas que lembro com desgosto. muitas coisas ruins aconteceram quando meu pai brigou com meu pai mais aconteceu uma coisa de bom a minha mãe veio a ficar junto com ele.

Todos meus professores mim respeitam de nesse ano e nenhum faltou com respeito comigo.

O meu professor que eu mais gosto são: marionetez, Bruna, Karla, Francângela, Ualdilene, Katrine, francimaria, e paulo Henrique, eu gosto muito deles sou muito sábia na aula deles.

ANEXOS 5

Auto Biografia

...!!!...

meu nome é Jailson Santos Silva ^{autista}
 eu nasci em 2004 no mês 10^o dia 06, tenho 13 anos
 eu nasci em São Bernardo no Hospital
 Felipe Jorge.

é no hospital minha mãe escolheu meu nome
 eles gostaram do meu nome, todo mundo gostou
 meus tios, meus primos, meus irmãos e irmã
 minha mãe escolheu meus parentes
 são gente boa, eu gosto muito deles
 ele também gosta de mim

é minha mãe me matriculou
 na escola tem uns professor Ruim
 e um bom dual, eu gosto muito
 deles.

eu estudava no quinto ano foi
 um homem velho Urquendo
 e a professora comprou
 um pra mim.

no sexto ano o professor de c.d. física
 e de arte na prova deles eu ganhei
 seis e o professor me deu dois pontos
 eu fiquei com sete na prova
 e eu passei na prova.



ANEXOS 6

4

Nome: Ellen Maria Silva Lima
 Idade: 12 anos
 Data de nascimento e local: 05/01/2005/Ita Felipe para
 familiares: Eli, Ronaldo, Eli Volado e Ellise

Meu nome é Ellen tenho 12 anos nasci no dia 05/01/2005. Na cidade de São Bernardo tenho 2 irmãos mais com meus pais. Minha vida se resume em divertir-se e estudar. Quando pequena meu pai morava em Parailta e eu morava em São Bernardo com minha mãe, a gente ia sempre pra fazenda os meus avós era muito divertidos eu ia brincar no rio pescava, andava de cavalo, dava comida pras galinhas e brincava com os bois, eu tinha varias criações de animais cavalos, boi, galinha, coelhos, gatos, jabuti, galinha, porco e vaca. Era tipo uma fazenda eu era muito danada gostava de mim arrebata. Só que a metade da minha criação foi se vendendo e só restou só meu gato. Ganhei uma irmã que não se resume a mim, minha irmã se resume a muito atenciosa acho que da minha parte. Foi fugiu 2 vezes. Porra um dia de foi na mão minha mãe foi embora e eu fiquei em minha tia, eu quase não era minha e eu não sei se recuperei. Meu pai tem 3 filhos me dava pouco. Ele trabalhava extra trabalhando de um restaurante mas ele não trabalhava mais, mais ainda tem vontade de trabalhar mais não trabalha não preferia. Meus pais se chamam Eli Ronaldo e Eli Volado e o nome da minha irmã, é Ellise minha irmã é menor não

tilibra

ANEXOS 7

3 Autobiografia

Soy de Ilhéiro de Bassimto, eu tenho 33 anos nasci na cidade de São Bernardo Maranhão no dia: 28/06/2009 no hospital municipal Felipe Jorge, eu adoro jogar futebol torço para três times, Flamengo, Brasil, e Real Madrid, adoro muito meus pais Francisca e Reginaldo de não é meu pai biológico de verdade minha mãe a 8 anos atrás. Ela viveu em 2 meus dois irmãos, meu pai biológico abandonou nós quando a minha mãe estava com 7 meses de grávida, meu irmão mais velho tinha 3 anos e minha outra irmã tinha 1 ano por isso que eu amo o meu padrasto, eu acho se o meu pai biológico aparecesse eu não queria conversa e nem olhar a cara dele, mais talvez mesmo com o meu padrasto nunca falta nada lá em casa ele gastou muito com mim, porque quando eu tinha meus 7 anos brucei uma barracuda enfrente a casa da minha mãe, logo fiquei bem e os anos foram se passando e quando eu tinha 13 anos quebrei o braço direito o meu padrasto pagou uma cirurgia que custou R\$ 3500 reais, até hoje ele está pagando ele não terminou de pagar ainda, porque quando ele recebeu o dinheiro uma metade é para as contas e a outra metade é para comida ou roupa, todo dia eu passo o dia que nunca falte comida em minha casa.

ANEXOS 8

2 Autobiografia

* Meu nome é Thainá de Jesus Alves Costa, não tenho apelidos, o antedentes, o nome da mãe da minha vó é Elizabeth e nome da mãe da minha vó é Maria Gomes, o país em que nasci e aqui no Brasil, e a cidade nasci foi São Luís e agora moro em São Bernardo, e eu não sei bem mais eu acho que é porque a minha vó é condernadara de igreja lá em São Luís, assim ela mandou minha mãe botar meu nome de Thainá e o final pegou do meu pai, e quando foi o primeiro dia que fui para a escola, logo me apeguei na professora, e o nome dela é Cláudia, e isso me marcou, e a outra professora foi Carlene, e as duas pra mim ela é muito especial, e as duas me trataram de uma forma positiva, e o nome dos meus pais é Fabiana Araújo Alves e o nome do meu pai é Chlevis Carlos Alves Costa, e tenho 8 irmãs, e a data do meu nascimento é 30/05/2005 de abril

ANEXOS 9

Livro Bio Grafia A 50

meu nome é marcos e me cuido sou da cidade
 tenho 13 anos nasci em 2004 em julho
 e estou na 7ª série ano letivo em São Bernardo
 Paranaíba.

Eu sou um menino normal, mas não sei jogar
 ou fazer nada porque eu não gosto de brincar
 com o jogo bola só para me divertir, mas não
 gosto de brincar com quem eu gosto para fazer
 jogos só também de minha família eu não
 sei jogar nada que sei quando com prazer
 meus estudos eu gosto de ler um livro
 e não gosto de desenhar só para desenhar
 gosto de ler de livros de aventura de história
 de e combrar países, mas não sei jogar, Frango
 etc, mas em quanto isso, eu aprecio muito
 a vida.

ANEXOS 10

16 meu nome é Franciany dos Santos
 Vieira, o nome da minha mãe é
 Francisca Maria Vieira dos Santos
 eu gostava de Brinca muito
 quando eu era criança, mais agora
 eu não Brinco mais, as vezes
 quando eu passo pela rua eu
 vejo as crianças brincan-
 do aí a gente se lembra e dá uma
 vontade de Brinca, pra não Brinca
 eu fico só olhando das brincando
 eu parei de Brinca quando eu
 tinha 12 anos mais a gora eu não
 quero nem saber de Brinca mais.
 mais aqui a eula minha manda
 vontade de Brinca. eu já morei
 em bacabalai lá eu Brincava muito
 eu morava em frente o rio
 lá a gente Brincava mais no rio.
 só por base.

ANEXOS 11

Felton Santos de Araújo

Ele nasceu no ano de 2004 dia 22 de novembro na cidade de São Bernardo no bairro do marro da repota em São um estudante e eu gosto da matéria de essências sou um cara inteligente trabalho com as professoras no ano da aula meu número na chamada de vezes e o catari sou viciado e o que me eu gosto o de andar de bicicleta, andar e fazer jogos e gosto de sair a noite com da galera do qual eu tenho 12 anos de idade

não namora com ninguém sou Sauturo completamente Solteiro não pega ninguém só fico, gosto muito de jogar bola

tenho dois cachorros fofos:

fofos que não tem muito de viajar andar de bicicleta e eu vou fazer uma viagem para o trabalho com o trabalho do trabalho de Alubra e vou para Manaus e depois com meu pai ele está lá na casa da irmã dele ele está trabalhando no comércio de Manaus da irmã dele ele veio para um trabalho

ANEXOS 12

Autobiografia

3 Meu nome é Francisca Maria Pereira e eu nasci no dia 05/09/2004 em Teresina - Piauí mais, atualmente moro, em São Bernardo - MA o nome da minha mãe é, Maria Carmem da dos Santos Pereira, do meu pai é, Rogério e eu tenho dois irmãos e sou a mais velha.

Eu estudo no 4º ano A no Instituto Educacional Cônego Nestor de Carvalho Cunha, e meu sonho é ser uma atriz muito famosa.

meus Pais colocaram esse nome em mim, em homenagem a mãe do meu pai, minha avó.

Quando eu estudava no 3º ano eu tive duas, professoras que sempre me ajudaram, tiveram paciência comigo, e elas me marcaram muito, que foi a professora Joretti e Ana Elécia e apesar desses três anos sem as ver, hoje ainda sou aluna da Professora Ana Elécia.

mas também marquei a vida delas escrevi uma frase muito linda para elas que dizia: sou passageira e vou alto (...). não me lembro de estar mais de ser bonita era.

"Então essa é minha história só com essa autobiografia qualquer um pode me reconhecer essa é a história da minha vida e muito mais de bom ou ruim há de vir."

APÊNDICES

Apêndices A



Universidade Federal do Maranhão – UFMA
 Campus São Bernardo-MA
 Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos

Questionário para realização do Trabalho de Conclusão de Curso

COM BASE NAS SUAS EXPERIÊNCIAS DOCENTES, RESPONDA AS PERGUNTAS ABAIXO, PARA SUBSIDIAREM MINHA PESQUISA DE CONCLUSÃO DE CURSO. (Agradeço: Francimária Silva)

PERFIL DOS SUJEITOS

NOME: _____

SEXO: () Feminino () Masculino

GRADUAÇÃO: _____

ESPECIALIZAÇÃO: _____

TEMPO DE SERVIÇO: _____

ANOS QUE ATUA: _____

CARGORÁRIA DE TRABALHO: _____

- 1- Você participa de algum projeto desenvolvido em sua escola? Qual o projeto e sua finalidade?

- 2- Como você trabalha a leitura, Escrita, Gramática e oralidade em sala de aula com seus alunos? Explique?

- 3- Como base em suas experiências, trabalhar somente com o livro didático favorece aos alunos uma boa aprendizagem, capaz de motivá-los a ler e escrever?

- 4- Que atividade, você considera que contribui para a aprendizagem dos alunos? E que contemple as quatro áreas de ensino de língua portuguesa?

- 5- Qual a metodologia que você trabalha em sala de aula visando aprendizagem dos seus alunos?

Apêndices B



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
Campus São Bernardo-MA

LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS

DIAGNOSE DA ESCOLA

1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

Nome da instituição:

Rede: () estadual () municipal Fone: _____

Endereço:

Município: _____ () Zona Rural (x) Zona urbana

Turnos de funcionamento da instituição: () manhã () tarde () noite

Quantidade total de turmas: _____

Níveis educacionais ofertados:

() Educação Infantil () Ensino Fundamental – Anos iniciais

() Ensino Fundamental – Anos Finais () Ensino Médio

Modalidades de ensino ofertadas:

() Educação de Jovens e Adultos – EJA () Educação Profissional

() Educação Especial () Educação Indígena () Educação a Distância

Quantidade total de:

Alunos matriculados: _____

Professores: _____

Funcionários: _____

Nome do (a) diretor(a):	
Tempo no cargo:	Nesta escola:
Membros do núcleo gestor/funções:	
Regime de trabalho dos docentes: _____	
Nº de professores efetivos da escola: _____	
Nº de professores temporários /contratados: _____	
Situação de lotação dos professores:	
Nº de professores lotados apenas:	
Nesta escola: _____ em 2 escolas: _____ em 3 escolas: _____ em mais de 3 escolas: _____	
Nível de Formação dos professores:	
Nº de professores com Doutorado: _____ Nº de professores com Mestrado: _____	
Nº de professores com Graduação/Licenciatura Plena: _____	
Nº de professores com Graduação/Licenciatura em Regime Especial: _____	
Nº de professores com Graduação/Bacharelado: _____	
Nº de professores com Formação de Nível Médio: _____	
Número total de funcionários: _____	
Nº de efetivos: _____ Nº de Contratados/ Terceirizados: _____	
Especificar as funções existentes na escola: _____	

Qual os dois últimos IDEB da Escola no/na:	
ANO _____ a) 4ª série/5º ano: _____ b) 8ª série/9º ano: _____ c) 3º ano do E.M. _____	

ANO _____ a) 4ª série/5º ano: _____ b) 8ª série/9º ano: _____ c) 3º ano do E.M. _____

1. A escola já possui seu Projeto Político Pedagógico? Há quanto tempo? Já foi atualizado? Houve a participação de toda a escola e a comunidade na sua construção/reformulação?

2. A escola vem desenvolvendo projeto quanto à formação continuada dos professores? De que forma e com que regularidade?

3. A escola fornece matérias necessárias para a capacitação dos professores? Quais os matérias disponibilizados ?

4. A escola disponibiliza alguns recursos para auxiliar os professores em sala de aula? É qual são eles?

5. Qual o ano de fundação desta instituição? a escola contem quantas salas de aulas em funcionamento?

6. Quantos professores de português a escola possui? E quais são eles?

7. É qual o nível de Formação desses professores?

() Graduação/Licenciatura Plena

() Mestrado

() Doutorado

() Bacharelado